



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

MILENA GANDOLFINE

**INTERAÇÃO DE UMA DÍADE MÃE-CRIANÇA CEGA NO CONTEXTO DE
ALIMENTAÇÃO**

São Carlos
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Milena Gandolfine

**INTERAÇÃO DE UMA DÍADE MÃE-CRIANÇA CEGA NO CONTEXTO DE
ALIMENTAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos por ocasião do Exame de Defesa para obtenção de Título de Mestre em Educação Especial.

Orientadora: Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil

Co-orientadora: Alessandra Corne Canosa

São Carlos
2017

Gandolfine, Milena

Interação de uma díade mãe-criança cega no contexto de
alimentação / Milena Gandolfine -- 2017.
79f.

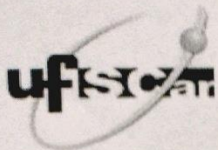
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil
Banca Examinadora: Prof^ª Dra. Lidia Maria Marson
Postalli, Prof^ª Dra. Lydia da Cruz Marques
Bibliografia

1. Educação especial . 2. Desenvolvimento infantil . 3.
Deficiência visual. I. Gandolfine, Milena. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Milena Gandolfine, realizada em 24/02/2017:

Profa. Dra. Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil
UFSCar

Profa. Dra. Lidia Maria Marson Postalli
UFSCar

Profa. Dra. Lydia da Cruz Marques
PARA D.V.

Dedico este trabalho a todas as mães e seus filhos com deficiência visual.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio, compreensão, amor e carinho durante todos os momentos dessa trajetória.

À Maria Stella, minha orientadora, pelo acolhimento, atenção, apoio e por acreditar na minha potencialidade.

À Alessandra, minha co-orientadora, pela dedicação, apoio e pelas importantes colaborações para a construção deste trabalho.

A Deus, pela força e por me oferecer condições de concluir este trabalho.

Ao Thiago, meu noivo, muito obrigada pelo seu amor, sua força, seu apoio e atenção durante esse processo.

Aos colegas do Laboratório de Interação Social / LIS por todo apoio.

Trabalho realizado com o suporte de:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº
830791/1999-0 e da

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Código de
Financiamento 001.

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE), com o apoio de: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - processo 88887.136407/2017- 00); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - processo 465686/2014-1) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - processo 2014/50909-8).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Interação Mãe-Bebê.....	12
2 MÉTODO	20
2.1 Delineamento.....	20
2.2 Participantes	20
2.3 Material e Instrumentos	21
3 PROCEDIMENTOS.....	29
3.1 Coleta de dados.....	29
3.2 Tratamento e análise de dados.....	30
3.3 Índice de concordância	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6 REFERÊNCIAS	49
7 APÊNDICES	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Descrição dos comportamentos da mãe - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações realizadas nos estudos de Buonadio (2003), Da Silva e Aiello (2012), Canosa e Postalli (2016) e no presente estudo.....	24
Quadro 2 - Descrição dos comportamentos da criança cega - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações.....	26
Quadro 3 - Descrição dos comportamentos dos pais - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações realizadas nos estudos de Piccinini et. al. (2007), Canosa e Postalli (2016b) e no presente estudo	27
Quadro 4 - Descrição dos comportamentos da criança cega - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações realizadas nos estudos de Piccinini et. al. (2007), Canosa e Postalli (2016b) e no presente estudo.....	28
Quadro 5 - Correspondência entre as classes Ganho e Perda e as categorias listadas no Protocolo de análise das filmagens de interação e no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica, em relação aos comportamentos dos pais e da criança.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Frequência de ocorrência de comportamentos maternos nas categorias do Protocolo Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a) e classificadas de acordo com as classes Ganho ou Perda	36
Tabela 2 - Frequência de ocorrência de comportamentos da mãe nas categorias do Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b) e classificadas de acordo com as classes Ganho ou Perda	36
Tabela 3 - Frequência de ocorrência de comportamentos da criança nas categorias contidas no Protocolo de Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a).....	43
Tabela 4 - Frequência de ocorrência de comportamentos da criança nas categorias contidas no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b).....	46

RESUMO

Dentre as diversas situações da vida humana que se constituem nas interações sociais, aquelas entre a mãe vidente e seu filho com deficiência visual, destacam-se pela importância para o desenvolvimento da criança. O objetivo deste estudo foi caracterizar as classes de interação mãe vidente - criança cega definidas/nomeadas como “Ganho” ou “Perda” de oportunidades de ensino pela mãe para seu filho com deficiência visual, no contexto de alimentação da criança. Participaram uma criança com cegueira congênita e sua mãe vidente. As interações mãe vidente-criança cega foram vídeo-gravadas pela mãe durante a alimentação da criança, na residência da díade. Para análise dos desempenhos da díade foram empregados protocolos de tratamento e análise de dados destinados às crianças com e sem deficiência visual. Em relação aos comportamentos da mãe, os resultados indicaram maior número de ocorrências de oportunidades de ganho, sinalizando o aproveitamento pela mãe das possibilidades promover o desenvolvimento da criança. Em relação ao desempenho da díade houve maior número de ocorrências de perda. Este último resultado requer análises adicionais e a discussão sobre a elaboração de instrumento de análise apropriados ao exame das condições de desenvolvimento da população de crianças com deficiência visual.

Palavras-chave: Interação mãe-criança. Deficiência Visual. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

MOTHER-BLIND CHILD DYAD INTERACTION IN FEEDING CONTEXT

Among the various situations in human life that constitute social interactions, those between the sighted mother and her visually impaired child, stand out for their importance for the child's development. The aim of this study was to characterize the sighted mother - blind child interaction classes defined/named as “Gain” or “Loss” of educational opportunities by the mother for her visually impaired child, in the context of child feeding. The participants were a congenital blindness child and her sighted mother. The sighted mother-blind child interactions were video-recorded by the mother during the child's feeding, in the dyad's residence. For the analysis of the dyad's performance, treatment protocols and data analysis for children with and without visual impairment were used. In relation to the mother's behavior, the results indicated a greater number of occurrences of opportunities for gain, signaling the seizing by the mother of the possibilities to promote the child's development. In relation to the performance of the dyad, there was a greater number of occurrences of loss. The last result requires additional analysis and discussion on the development of an appropriate analysis instrument for the examination of the conditions of development of the population of children with visual impairment.

Keywords: Mother-child interaction. Visual impairment. Child development.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Interação Mãe-Bebê

Muitas situações da vida humana, se não a maioria delas, se constituem de interações que podem ser especificadas como “sociais”. Para Carvalho (1988), interação social é a ação mútua entre objetos e sujeitos ou entre sujeitos. É um estado ou processo de regulação recíproca, inferido a partir do comportamento dos integrantes. O termo interação engloba, no mínimo, o recorte composto por um comportamento de cada parceiro, sendo que se o comportamento de um indivíduo não for respondido pelo seu alvo, não há evidências de que ocorreu a interação (MOURA, 1999).

De acordo com Carvalho (1988), o caráter bidirecional é intrínseco ao conceito de interação e este processo tem sido compreendido como um modelo de comunicação marcado por seu ritmo, sincronia, ajuste mútuo e, especialmente, reciprocidade.

De modo semelhante, Piccinini et al. (2001) partem da própria raiz etimológica da palavra interação para conceituá-la e destacam a premissa de que “inter-ação” que significa “ação entre”, traduz a ideia de bidirecionalidade. Apesar disso, os autores analisam que o caráter bidirecional nem sempre tem sido considerado nas pesquisas sobre o estudo do comportamento social, e que a categoria interação parece ter perdido um pouco da sua especificidade, ou seja, a ideia de ação recíproca. De acordo com estes autores, alguns estudos sobre interação inicial mãe/bebê ou crianças pequenas são um bom exemplo da análise unidirecional da interação. Para Piccinini et al. (2001), normalmente são empregadas categorias de observação do comportamento materno denominadas como “Comportamento Socialmente Dirigido”. Tais categorias descrevem, de modo exclusivo, o comportamento da mãe; por exemplo, quando a mãe sorri para o bebê, sem fazer referência às ações do bebê. Categorias formuladas e com exemplos similares desconsideram o modelo bidirecional que enfatiza a reciprocidade e a adaptação mútua entre os parceiros da interação (PICCININI et al., 2001).

Depois de abordar a questão do prefixo “inter”, Piccinini et al. (2001) discorrem sobre a maior complexidade de conceituar o termo ação e explicam que, se a expressão *ação* for considerada externa, coordenada e intencional, corre-se o risco de excluir formas de influência recíproca. Para esses pesquisadores, esta é uma questão difícil, pois consideram que o caráter recíproco da interação envolve as ações externas ou explícitas, além de admitir a possibilidade de ações não explícitas. Apesar disso, os autores sugerem cautela sobre quais aspectos das

interações se deve englobar no termo ações não explícitas, evitando assim problemas, como por exemplo, a dificuldade em distinguir ação de percepção (PICCININI et al., 2001).

A definição de interação, proposta por Moura (1999), e adotada por alguns autores, leva em conta a observação do fluxo interativo e o seu recorte em episódios, trazendo a questão das diferentes propostas, modos e forma de orientar os procedimentos de coleta e análise de dados interacionais. Para o estudo das interações sociais, a definição de categorias de interação como forma de recortar o fluxo de interações que as constituem, tem sido a metodologia frequentemente empregada nas investigações (MEDEIROS; SALOMÃO, 2012a; MEDEIROS; SALOMÃO, 2012b).

Para se identificar episódios de interação, Piccinini et al. (2001) especificaram o início e o término dos recortes do fluxo interativo adotando a definição de interação apresentada por Moura (1999):

O início de uma interação é caracterizado por um dos parceiros dirigir um comportamento social (atividade) em relação ao outro e ser respondido por ele com um comportamento social (atividade), num intervalo de 5 segundos. O fim do episódio de interação é caracterizado por um ou ambos os parceiros deixarem de dirigir comportamentos sociais (atividades) em relação ao outro por um intervalo de tempo maior que 5 segundos (PICCININI, 1999, p.19-20).

Em relação ao estudo da interação mãe-bebê, Piccinini et al. (2001) afirmam que este pode ser realizado com diferentes métodos, empregados em conjunto, ou cada um deles adotado isoladamente. Para os autores, os métodos que adotaram as entrevistas, questionários e inventários fornecem informações obtidas pelo relato da mãe sobre o comportamento interacional. Exploram, ainda, atitudes, intenções e sentimentos sempre relatados pela mãe. Os dados também podem ser colhidos pela observação do comportamento dos envolvidos durante a interação. Geralmente, as observações são realizadas na residência da díade, com a presença da mãe e do bebê. Busca-se preservar o cotidiano da díade e minimizar a interferência que a presença do observador produz. Alternativamente, visando evitar a presença do observador na residência dos participantes, a filmagem pode ser realizada pela própria mãe sob a orientação dos pesquisadores (CANOSA; POSTALLI, 2016).

No campo de pesquisas sobre a interação social, destacam-se as investigações sobre interação mãe-bebê nas etapas iniciais do desenvolvimento justificadas pela significativa contribuição para a compreensão do desenvolvimento humano. Sabe-se que as primeiras relações, em especial a interação entre mãe-bebê, são essenciais, senão decisivas, em toda a aquisição e desenvolvimento da criança. Além disso, a interação entre a mãe e seu filho é um

aspecto significativo na promoção de um ambiente familiar estimulante que pode trazer consequências significativas para o desenvolvimento infantil (OLIVEIRA; MARQUES, 2005).

O bebê humano recém-nascido apresenta um conjunto de características que o capacitam para os primeiros contatos sociais e já no primeiro mês de vida é possível identificar trocas entre a mãe e seu bebê que podem ser consideradas interações (MOURA et al., 2004). Estudos com a participação de bebês com desenvolvimento típico, nos meses iniciais de vida, têm evidenciado a preferência das crianças por características próprias do ser humano mais do que por outros estímulos (MOURA, 1999; MOURA et al., 2004; PÉREZ-PEREIRA; CONTI-RAMSDEN, 2008; KREUTZ; BOSA, 2009). Além disso, bebês apresentam um repertório de comportamentos como choro, o sorriso e a imitação que têm grande potencial de comunicação e os habilitam para interações sociais. Através desses sinais, o bebê consolidará as primeiras trocas comunicativas com seus cuidadores que serão a base do desenvolvimento da comunicação (KREUTZ; BOSA, 2009).

As interações mãe-bebê parecem ser orientadas por dois elementos fundamentais: a reciprocidade e a comunicação (RIBAS; MOURA, 1996). De acordo com Moura et al. (2004), a reciprocidade na interação exige que os parceiros respondam aos comportamentos um do outro e que os episódios interativos sejam, sobretudo, sustentados por ambos. Quanto à comunicação, a autora aponta que ela pode acontecer por meio do contato visual, sorrisos, vocalizações, posturas, gestos, expressões faciais, tom de voz, postura corporal, brincadeiras e choro. Na interação destes parceiros fica nítido que mãe e o bebê são sensíveis aos sinais um do outro e respondem a eles. A mãe pode atribuir significados aos comportamentos do bebê de acordo com os contextos de troca e conhecimento sobre seu filho.

Segundo Moura (1999), a atribuição, pela mãe, de significados específicos aos comportamentos dos bebês durante a interação é permeada pelas concepções da mãe acerca de um modelo geral de infância, de um conjunto de expectativas sobre seu filho, seu desenvolvimento e pelas pistas contextuais disponíveis. A partir desta atribuição de significado aos comportamentos do bebê, a mãe vai promovendo ajustes no processo interacional. Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2008) destacaram que inicialmente bebês manifestam comportamentos que são somente reações contingentes a sinais materno tais como expressões faciais ou vocalizações, que são interpretadas como intencionais pelo adulto, e tal interpretação colabora para realmente tornarem-se intencionais.

Os autores Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2008) destacam que é a partir desta interação que bebês aprendem a discriminar pessoas importantes em seu entorno e respondem a elas com um sorriso, uma vocalização ou uma aproximação corporal, além de estarem

aprendendo sobre como suas ações tem consequências previsíveis no mundo, e sobre outras pessoas como agentes intencionais capazes de realizar ações. A regularidade desta interação permite que o bebê aprenda a associação entre sua própria ação e o que acontece no ambiente a sua volta, desenvolva expectativas e antecipem consequências específicas de suas próprias ações.

De acordo com Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2008), é ainda neste processo interativo que se desenvolve a atenção compartilhada, quando a criança compreende que atenção para algo externo a ela é compartilhada com outros.

Conforme o bebê cresce, a mãe modifica o modo de falar com ele, reduzindo o uso do tom infantil e aumentando o tom de conversação adulto. O bebê também mostra mudanças no interesse visual, à medida que tende a diminuir a proporção de tempo que despende olhando para a face de sua mãe e, aos poucos, incluem objetos animados e inanimados do ambiente em suas preferências visuais, além do rosto humano (MOURA et al., 2004).

Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2008) consideram que os avanços feitos pela criança no primeiro ano de vida dependem tanto da sensibilidade dos pais ao interpretarem os comportamentos dos bebês (como comunicativos e adequados para a situação) quanto da habilidade da criança para usar informações fornecidas pelo ambiente. Neste processo, a informação visual, indiscutivelmente, desempenha um papel de grande importância, visto que a visão possibilita a ligação com o mundo social e é de grande relevância na regulação da interação do indivíduo com os que o rodeiam (KREUTZ; BOSA, 2009).

Em um mundo organizado para quem tem visão, a falta do acesso visual ao ambiente tem efeitos potenciais no ciclo e no desenvolvimento da comunicação da criança com o mundo, (CUNHA; ENUMO, 2003; FREITAS; DEL PRETTE, 2007; PÉREZ-PEREIRA; CONTI-RAMSDEN, 2008; MEDEIROS; SALOMÃO, 2012a). A ausência da percepção visual na criança com deficiência visual pode dificultar o reconhecimento do ambiente, das pessoas e de objetos. Assim, a cegueira congênita pode comprometer o ciclo de interação convencional entre a mãe vidente e seu bebê cego, pela ausência de pistas visuais que ajudem a criança a se engajar em comportamentos interativos esperados pela mãe.

Outro aspecto que pode também influenciar a relação da mãe com seu filho com deficiência visual, para Cunha e Enumo (2003), é o sentimento de luto vivenciado pela família, diante do nascimento de uma criança cega. O choque ao nascimento de uma criança que não enxerga pode levar a família, e em especial a mãe, a vivenciar um longo período de adaptação e aceitação gradual da nova realidade (CUNHA; ENUMO, 2003), além de poder gerar nos pais,

conforme apontado por Medeiros e Salomão (2012a), sentimento de insegurança, medo e a ocorrência de comportamentos de superproteção.

A dificuldade da mãe ou do cuidador diante do impacto da constatação da deficiência visual da criança quase sempre dificulta a interação da díade, podendo influenciar o desenvolvimento da criança. Muitos déficits apresentados por crianças cegas resultam da dificuldade dos pais em encarregarem-se da responsabilidade de ensinar e/ou criar contingências para que a criança aprenda comportamentos responsivos e socialmente adequados (FREITAS; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2007). A compreensão errônea da mãe sobre a deficiência de seu filho, entendendo-a como limitante e incompatível com aprendizagem, acarreta baixas expectativas sobre o desenvolvimento e desempenho da criança e desestimula a mãe a ter uma postura de incentivo a exploração do ambiente, restringindo oportunidades de uma interação rica e que promova aprendizagem (CUNHA; ENUMO; CANAL, 2006).

Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2008) destacam que apesar da possibilidade de haver oportunidades para interações não visuais, há muita surpresa e falta de controle por parte da criança cega, o que pode torná-la relutante e temerosa em participar de encontros sociais. Estas reações por parte da criança podem gerar no cuidador a falsa impressão de que a criança não entende ou não se expressa emocionalmente, além de acarretar ansiedade e ausência de reação, por desconhecer o que fazer. Os autores destacam que isto dificulta a exposição da criança cega à regularidade de comportamentos contingentes dos pais, prejudicando o desenvolvimento da capacidade de antecipação e previsão de eventos futuros.

A importância da interação da criança com deficiência visual com sua mãe ou o adulto cuidador tem sido destacada como um dos principais recursos na superação de possíveis atrasos no desenvolvimento da criança. Esta interação, juntamente com a utilização de recursos linguísticos, vem sendo destacada como se um dos mais relevantes mecanismos para lidar com as possíveis consequências da deficiência visual para o desenvolvimento da criança (CUNHA; ENUMO, 2003; LAPLANE; BATISTA, 2008; NUNES; LOMÔNACO, 2008; FRANÇA-FREITAS; GIL, 2012; MEDEIROS; SALOMÃO, 2012a; MEDEIROS; SALOMÃO, 2014).

É também na interação que a linguagem se estabelece e se mostra o principal meio de comunicação entre a criança e o ambiente a sua volta. Avaliada como uma das ferramentas para ultrapassar as possíveis limitações e atrasos impostos pela deficiência visual, inclusive àqueles na interação com seus parceiros, a linguagem parece atuar, de forma relevante, na promoção ativa do desenvolvimento da criança com deficiência visual, na determinação da interação

social, na atribuição de sentido às experiências e na participação em diversos ambientes (CUNHA; ENUMO, 2003; LAPLANE; BATISTA, 2008; NUNES; LOMÔNACO, 2008).

O desenvolvimento das habilidades linguísticas, cognitivas e a aquisição de conhecimento da criança dependem da interação com as primeiras pessoas com as quais ela se relaciona, (MEDEIROS; SALOMÃO, 2012a). Assim, no desenvolvimento da criança com deficiência visual o processo de interação mãe-criança parece ser ainda mais crítico, já que uma estimulação adequada por parte dos parceiros de interação da criança, que sejam aptos e sensíveis para interpretar os diferentes sinais comunicativos do bebê, é fundamental para garantia de um ambiente estimulante e a promoção de uma interação adequada e sincrônica (KREUTZ; BOSA, 2009).

Estudos com o objetivo de analisar a interação mãe-bebê com deficiência visual foram realizados em diferentes contextos.

Medeiros e Salomão (2012a), em um estudo com mãe-bebê com deficiência visual, tiveram como objetivo analisar a interação por meio dos estilos de fala materna, dos comportamentos não verbais maternos e infantis e dos episódios interativos. Participaram deste estudo três díades mãe-bebê, os três bebês com deficiência visual total, na faixa etária dos seis aos treze meses no início das observações, e suas respectivas mães. Foi utilizada uma câmera de vídeo para registrar as interações entre as díades, em uma situação de brinquedo livre. Foram realizadas três filmagens por díade participantes. Cada filmagem tendo a duração de 20 minutos para cada observação realizada.

Os dados obtidos nas sessões de observação constituíram o recurso metodológico principal para a análise dos comportamentos comunicativos verbais e não verbais. No que diz respeito aos estilos comunicativos maternos, foi possível verificar que nas mães de bebês com deficiência visual, predominou o estilo diretivo, ou seja, quando a mãe tende a dirigir a atenção e/ou as ações do bebê. Este estilo pode ser representado por comandos ou ordens. Aconteceram, sobretudo, os comandos denominados diretivos de atenção, atuando com a função de direcionar a atenção do bebê e melhor envolvê-lo nas atividades propostas. Com isso, a análise realizada por Medeiros e Salomão (2012a) possibilitou verificar os aspectos em comum das díades, mas também as diferenças individuais, provavelmente decorrentes das diferenças de idade dos bebês.

Em outro estudo, Medeiros e Salomão (2012b) também trabalharam com crianças com deficiência visual. O estudo teve o objetivo de apreender as concepções maternas sobre o desenvolvimento das crianças, na faixa etária dos dois aos sete anos de idade. Participaram dez mães, com idades entre 22 e 39 anos e suas crianças com deficiência visual. Foram realizadas

entrevistas estruturadas com uso de um gravador digital e de um roteiro de perguntas com questões sobre o desenvolvimento da criança, bem como sobre a percepção materna a respeito do momento do diagnóstico e suas implicações. As entrevistas foram transcritas e analisadas à luz da análise de conteúdo categorial temática. O objetivo do estudo e os discursos maternos orientaram a definição das categorias de análise. Quatro categorias foram propostas: detecção da deficiência visual; reações frente à descoberta da deficiência visual; avaliação das características da criança (a partir das subcategorias motor, linguística e das relações sociais) e a percepção do desenvolvimento atual da criança deficiente visual. As verbalizações maternas evidenciaram que o atendimento especializado desde cedo é importante para lidar com as possíveis expectativas em relação ao desenvolvimento infantil. Considerou-se, portanto, que o acesso às concepções maternas é relevante, haja vista que estas concepções podem revelar o modo como as mães interagem com os filhos.

Medeiros e Salomão (2014) ainda analisaram interações mãe-criança com deficiência visual, a partir dos contextos de brincadeira livre e brincadeira estruturada, com o objetivo de apreender estratégias maternas que facilitavam a participação das crianças no processo interacional e identificar cenas de atenção conjunta. Participou da pesquisa uma díade mãe-bebê. A criança tinha 36 meses, cegueira decorrente de retinopatia da prematuridade, e a mãe tinha 37 anos. Foram realizadas observações com uso de filmagem, na residência da díade. Na situação de brincadeira livre, a estratégia materna em dar espaço à criança para iniciar a interação favoreceu a participação infantil.

Na situação de brincadeira estruturada observou-se que o comportamento materno de aproximar objetos da criança ou de aproximar a mão da criança dos objetos, além de fazer uso de indicações gerais de como a criança deve utilizar os recursos que dispõe, possibilitou que a criança identificasse os objetos e suas localizações. Evidenciou-se que na díade mãe-criança com deficiência visual a atenção conjunta vai acontecer com o emprego do toque. Constatou-se também, que estratégias de questionar a criança sobre as propriedades dos objetos e de aproximá-los do espaço tátil da criança facilitam o reconhecimento e a posterior identificação. Considera-se que esses dados podem fornecer pistas para que intervenções sejam realizadas com o intuito de promover o desenvolvimento da criança com deficiência visual, a partir da interação com a mãe, mas também por meio do uso dos recursos perceptíveis que dispõe, como o tato e a audição.

No estudo de Gandolfine (2013), buscou-se caracterizar a interação entre uma criança cega e sua mãe, em situações de alimentação, pela identificação das oportunidades oferecidas ou não pela mãe para a promoção de autonomia e para o desenvolvimento do bebê. Participaram

um bebê de 17 meses de idade (no início do estudo) com deficiência visual e desenvolvimento típico e sua mãe com 22 anos de idade, ensino médio completo. A coleta de dados foi realizada pela mãe, na residência da díade, durante um mês. Ela ligou a câmera e gravou as suas interações com o bebê nas situações de alimentação. A cada semana, as gravações eram entregues à experimentadora. Para tratamento e análise de dados, as gravações foram selecionadas de acordo com critérios pré-estabelecidos. Posteriormente, foram transcritas, literalmente, as ações da mãe e as ações da criança, em ordem cronológica dos acontecimentos.

Foram identificadas e caracterizadas as interações que resultaram em ganhos para o bebê e em possibilidades de ganhos não aproveitadas pela mãe. As interações foram organizadas em duas categorias nomeadas ganho e perda. Finalmente, as possibilidades de promoção da autonomia e do desenvolvimento, proporcionados pelas interações, foram avaliadas. As categorias foram definidas como se segue: **Ganho:** Interação entre mãe vidente e a criança cega, na qual as oportunidades de aprendizagens foram exploradas pela mãe visando promover aquisição de repertórios pelo filho. **Perda:** Interação entre mãe vidente e a criança cega, na qual as oportunidades de aprendizagens aconteciam sem que fossem empregadas para ampliar o repertório da criança em relação à autonomia ou ao o desenvolvimento nas situações de alimentação da criança. Nos resultados observou-se maior frequência de ocorrência de oportunidades de aprendizagens perdidas, quando comparadas com oportunidades que resultaram em ganhos para o bebê.

O estudo suscitou questões sobre quais comportamentos estariam especificados em cada uma das situações denominadas Ganho e Perda, descritas pela análise da interação entre a mãe vidente e seu filho cego. Ou seja, quais foram as ações da mãe identificadas como “aproveitar oportunidades para aquisição de repertórios pelo filho” e, ao contrário, quais os comportamentos da mãe que foram definidos como o “não aproveitamento de oportunidades para estimulação do desenvolvimento da criança”. Considerou-se, então, a importância de descrever as características da interação mãe vidente-criança cega especificadas nas categorias definidas como Ganho e Perda. O objetivo deste estudo foi caracterizar as classes de interação mãe-criança cega definidas/nomeadas como “Ganho” ou “Perda” de oportunidades de ensino pela mãe para seu filho com deficiência visual, no contexto de alimentação da criança.

2 MÉTODO

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo descritivo para a caracterização dos desempenhos de uma díade mãe – bebê com deficiência visual (uma determinada população), sem o objetivo de identificar se as variáveis observadas se correlacionam ou estabelecem relações causais entre si (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Uma das peculiaridades do estudo foi a utilização de instrumentos e técnicas padronizadas, testadas em outras pesquisas, para proceder à formulação dos instrumentos de análise dos dados obtidos pela observação sistemática (GIL, 2008). Este trabalho situa-se área da Educação Especial na investigação das interações de uma única díade formada pela mãe vidente de uma criança pequena cega. Não houve, portanto, a expectativa da generalização dos dados e, sim, a de oferecer resultados que poderão inspirar a atuação de profissionais em situações similares às dos contextos aqui tratados, a partir do julgamento da relevância da informação para as suas próprias circunstâncias (BRANTLINGER et al., 2005).

2.2 Participantes

Participaram deste estudo uma criança (M.) com deficiência visual congênita e sua mãe (V.) sem deficiência visual.

O recrutamento dos participantes foi realizado em uma instituição para atendimento de pessoas cegas, frequentada pela criança. A mãe e a instituição foram devidamente esclarecidas sobre os objetivos do estudo e foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 1). O participante informou o seu assentimento de acordo com o estabelecido pelo Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2), no qual se previa que a partir de uma brincadeira entre a pesquisadora e o participante se pudesse verificar a aceitação da criança em participar da pesquisa.

M. era um menino com desenvolvimento típico e cegueira decorrente de hipoplasia do nervo óptico, com 21 meses de idade no início da coleta de dados. Filho único, ele residia com os pais em uma cidade de médio porte do interior paulista. M. frequentava o ensino infantil de uma creche municipal e recebia atendimentos especializados na área de terapia ocupacional em uma instituição para atendimento de pessoas com deficiência visual. O diagnóstico de hipoplasia do nervo óptico foi recuperado no prontuário da criança que estava arquivado na instituição frequentada por ele, de acordo com avaliação realizada por ortoptista.

A mãe V., 26 anos no início da coleta de dados, completou o ensino médio e não exercia atividade remunerada, dedicando-se integralmente ao filho.

Este estudo foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos com o parecer número 1.147.034/ 2015.

2.3 Material e Instrumentos

Foi utilizada uma câmera filmadora Digital Sony Cyber-shot Dsc-w350 14.1mp para a coleta de dados; um computador Samsung, modelo Essencial E22 para processamento e análise dos dados e os protocolos de transcrição e de análise de dados previamente elaborados.

Para a entrevista de avaliação do desenvolvimento foi empregado o Roteiro de entrevista - Avaliação educacional de alunos com baixa visão e múltipla deficiência na educação infantil, ajustado (BRUNO, 2005). Trata-se de um instrumento para a observação informal do desenvolvimento, das habilidades, competências e necessidades especiais de crianças com baixa visão e múltipla deficiência na faixa etária de três a seis anos e onze meses.

Quatro protocolos de análise foram empregados neste estudo. Dois protocolos destinaram-se à análise dos comportamentos da mãe vidente ou da criança cega. O terceiro protocolo visou a análise dos comportamentos dos pais videntes e o quarto protocolo serviu à análise das interações diádicas/triádicas (e não mais do comportamento de cada participante da interação).

Protocolo para a análise dos comportamentos da mãe vidente

Para a elaboração deste protocolo, foram adaptados três outros instrumentos empregados nos estudos de Gandolfine (2013/um protocolo) e Canosa e Postalli (2016/dois protocolos diferentes). Os protocolos haviam sido elaborados para atender propostas específicas de análise da interação mãe-bebê dos estudos originais. A sequência de modificações realizadas em cada protocolo empregados no estudo atual foi descrita, pois os dois protocolos empregados por Canosa e Postalli (2016) resultaram da adaptação de instrumentos originalmente formulados para a análise da interação mãe-bebê *sem deficiência visual*.

Segue-se a apresentação de cada um dos protocolos com as respectivas adaptações.

- 1) *Protocolo de Análise de Dados para Categorias de Ganhos e Perdas*, concebido por Gandolfine (2013), no Trabalho de Conclusão de Curso, para a Licenciatura em Educação Especial. A categoria *Ganho* referia-se à interação entre mãe vidente e a criança cega, na qual as oportunidades de aprendizagens foram exploradas pela mãe visando promover aquisição de repertórios pelo filho. A categoria *Perda* Interação entre mãe vidente e a criança cega, na qual as oportunidades de aprendizagens aconteciam sem que fossem empregadas para ampliar o repertório da criança em relação à autonomia ou ao o desenvolvimento nas situações de alimentação da criança. Afim de garantir a clareza do texto, neste estudo estas categorias serão referidas como *Classe Ganho* e *Classe Perda*.

- 2) *Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação – ADA*, adaptado por Canosa e Postalli (2016a)¹. A adaptação constou do acréscimo de duas categorias de comportamentos ao protocolo elaborado por Da Silva e Aiello (2012). Estas autoras, por sua vez, haviam adaptado um protocolo proposto por Buonadio (2003). Todos os três protocolos, cada um proposto em um estudo diferente, receberam o mesmo título, embora cada um deles acrescentasse categorias ao protocolo formulado no estudo precedente (*Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação*). Para maior clareza, recuperou-se a sequência cronológica de formulação e adaptação dos protocolos: Buonadio (2003) com a proposta do primeiro protocolo; Da Silva e Aiello (2012) com a proposição de uma adaptação do protocolo empregado por Buonadio (2003) e Canosa e Postalli (2016) com a adaptação do protocolo de Da Silva e Aiello (2012).
- 3) O *Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação*, proposto por Buonadio (2003) (APÊNDICE 3), foi elaborado visando classificar a interação entre mãe e criança com desenvolvimento típico. O protocolo era composto por 22 categorias relativas ao comportamento dos pais e aos comportamentos das crianças. Destas, 14 categorias descreviam os comportamentos dos pais (Comentário positivo; Olhar dirigido à criança; Dar dicas/verbais ou gestuais; Ajuda física; Comentários negativos; Imitação da vocalização da criança e/ou expansão; Correção de comportamento inadequado; Repressão física; Fazendo uma questão; Modelando; Rotulando; Comando; Contato físico positivo; e Brincar sozinho. Oito categorias que descreviam os comportamentos das crianças (Prestando atenção; Obediência; Desobediência; Vocalizações positivas; Vocalizações negativas; Comportamento físico negativo; Fazendo uma questão; e Brincar sozinho).

Da Silva e Aiello (2012), em uma publicação que relatou parte dos resultados do doutorado de Da Silva (2007), adaptaram o protocolo de Buonadio (2003) para a análise das interações entre os pais e seus filhos com síndrome de Down. Neste protocolo duas novas categorias foram acrescentadas ao Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação de Buonadio (2003). Uma nova categoria de comportamento materno foi denominada “Motivar a criança para a tarefa” e uma nova categoria de comportamento infantil foi denominada “Criança engajada na tarefa”.

¹ O acréscimo das letras “a” após a referência da publicação do protocolo de Canosa e Postalli (2016) deve-se ao fato do estudo destas autoras ter empregado dois protocolos diferentes, adaptados de outros estudos e de que ambos foram adotados no presente trabalho. O segundo protocolo, descrito adiante, teve a letra “b” acrescida à referência Canosa e Postalli (2016) com o objetivo de distingui-lo do *Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação*.

O protocolo de análise do comportamento da mãe vidente, empregado neste estudo, designado por *Protocolo de análise do comportamento materno na interação mãe vidente-criança cega durante a alimentação* foi composto por 18 categorias. Dezesete delas constavam do protocolo de Canosa e Postalli (2016/a) e uma foi acrescentada para atender o presente objetivo. As categorias foram designadas como se segue: Comentário Positivo; Dar Dicas; Comando; Rotulando; Contato Físico Positivo; Modelando; Brincar Sozinho; Olhar Dirigido à Criança; Fazendo uma questão; Repressão Física; Imitação da Vocalização da criança e/ou expansão; Ajuda Física; Comentários Negativos; Correção de comportamento Inadequado; Motivar a criança para; Descrição e antecipação das próprias ações pela mãe a tarefa; Responder à Criança; Organização/Preparação. Esta nova categoria de comportamento materno (*Organização/Preparação*) se referiu a situações nas quais a mãe organizava os alimentos no prato do filho e preparava a colher, enchendo-a com o alimento, para que a criança a levasse a boca.

No Quadro 1 encontram-se, em ordem cronológica de publicação, as adaptações dos protocolos, cada descrição de instrumento em uma coluna na seguinte ordem da primeira para a última: Buonadio (2003), Da Silva e Aiello (2012), Canosa e Postalli (2016a) e as categorias do protocolo empregado neste estudo (*Protocolo de análise do comportamento materno na interação mãe vidente-criança cega durante a alimentação*). Todas as categorias propostas por Buonadio (2003) foram apresentadas na primeira coluna. Na segunda coluna, foram especificadas todas as categorias e mais uma que foi acrescentada no estudo de Da Silva e Aiello (2012). Na terceira coluna, foram apresentadas as categorias mantidas por Canosa e Postalli (2016a) e o acréscimo de duas categorias. Na última coluna foram apresentadas todas as categorias propostas nos estudos anteriores com a adição de uma categoria considerada neste trabalho. Na coluna denominada *Protocolo de análise do comportamento materno na interação mãe vidente-criança cega durante a alimentação* a categoria mantida para a classificação do comportamento materno, denominada *Brincar sozinho* foi ajustada de acordo com os objetivos desta pesquisa. Na definição da categoria compreendeu-se que a criança não participava da atividade de “alimentação”, por exemplo, ela cantava ao mesmo tempo em que pegava a colher e batia na mesa repetidamente, sem que a mãe se dirigisse à criança. Enfatiza-se que as adaptações atenderam as exigências de análise das interações entre uma criança cega e sua mãe vidente.

Quadro 1- Descrição dos comportamentos da mãe - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações realizadas nos estudos de Buonadio (2003), Da Silva e Aiello (2012), Canosa e Postalli (2016) e no presente estudo

Buonadio (2003)	Da Silva e Aiello (2012)	Canosa e Postalli (2016a)	Interação mãe-criança cega durante a alimentação
Comentário positivo	Comentário Positivo	Comentário Positivo	Comentário Positivo
Dar dicas	Dar dicas	Dar dicas	Dar Dicas
Comando	Comando	Comando	Comando
Rotulando	Rotulando	Rotulando	Rotulando
Contato Físico Positivo	Contato Físico Positivo	Contato Físico Positivo	Contato Físico Positivo
Modelando	Modelando	Modelando	Modelando
Brincar sozinho	Brincar Sozinho	Brincar Sozinho	Brincar Sozinho
Olhar dirigido à criança	Olhar Dirigido à Criança	Olhar Dirigido à Criança	Olhar Dirigido à Criança
Fazendo uma questão	Fazendo uma questão	Fazendo uma questão	Fazendo uma questão
Repressão física	Repressão Física	Repressão Física	Repressão Física
Imitação da Vocalização da criança e/ou expansão	Imitação da Vocalização da criança e/ou expansão	Imitação da Vocalização da criança e/ou expansão	Imitação da Vocalização da criança e/ou expansão
Ajuda física	Ajuda Física	Ajuda Física	Ajuda Física
Comentários Negativos	Comentários Negativos	Comentários Negativos	Comentários Negativos
Correção de Comportamento Inadequado	Correção de comportamento Inadequado	Correção de comportamento Inadequado	Correção de comportamento Inadequado
		Motivar a criança para a tarefa	Motivar a criança para a tarefa
		Descrição e antecipação das próprias ações pela mãe	Descrição e antecipação das próprias ações pela mãe
		Responder à criança	Responder à Criança
			Organização/Preparação

Fonte: elaborado pela autora

Nota: As categorias marcadas em escala cinza eram as categorias previstas pelo Protocolo de Análise de Filmagens de Interação” de Buonadio (2003). Nos protocolos subsequentes foram marcadas em escala cinza as categorias acrescentadas nos protocolos dos estudos de Da Silva e Aiello (2012), Canosa e Postalli (2016a) e neste trabalho. Em escala branca estão as categorias dos protocolos de Buonadio (2003) e as categorias dos outros protocolos que foram mantidas neste estudo. Destaca-se que apenas os trabalhos de Canosa e Postalli (2016a) e este trataram de crianças com deficiência visual.

Protocolo para a análise dos comportamentos da criança cega

O protocolo de análise do comportamento da criança cega, empregado neste estudo, designado por “*Protocolo de análise do comportamento da criança cega na interação com a mãe durante a alimentação*” foi composto por 12 categorias. Oito categorias constavam do protocolo de Buonadio (2003), nove constavam do protocolo Da Silva e Aiello (2012), dez compunham o estudo de Canosa e Postalli (2016a) e uma foi acrescentada para atender o presente objetivo. As categorias foram designadas como se segue: Comentário Positivo; Dar Dicas; Comando; Rotulando; Contato Físico Positivo; Modelando; Brincar Sozinho; Olhar Dirigido à Criança; Fazendo uma questão; Repressão Física; Imitação da Vocalização da criança e/ou expansão; Ajuda Física; Comentários Negativos; Correção de comportamento Inadequado; Motivar a criança para; Descrição e antecipação das próprias ações pela mãe a tarefa; Responder à Criança; Organização/Preparação. Esta nova categoria de comportamento materno (*Organização/Preparação*) se referiu a situações nas quais a mãe organizava os alimentos no prato do filho e preparava a colher, enchendo-a com o alimento, para que a criança a levasse a boca.

No Quadro 2, na mesma disposição adotada para descrição das adaptações dos protocolos de análise, encontram-se, em ordem cronológica de publicação, as adaptações e a descrição de cada instrumento em uma coluna, na seguinte ordem da primeira para a última: Buonadio (2003), Da Silva e Aiello (2012), Canosa e Postalli (2016a) e as categorias do protocolo empregado neste estudo (*Protocolo de análise do comportamento da criança cega na interação com a mãe durante a alimentação*). Todas as categorias propostas por Buonadio (2003) foram apresentadas na primeira coluna. Na segunda coluna, foram especificadas todas as categorias do estudo de Da Silva e Aiello (2012) e mais uma que foi acrescentada. Na terceira coluna, foram apresentadas as categorias mantidas por Canosa e Postalli (2016a) e o acréscimo de uma categoria. Na última coluna foram apresentadas todas as categorias propostas nos estudos anteriores com a adição de uma categoria considerada neste trabalho. Na coluna denominada “Interação mãe vidente-criança cega durante a alimentação” as duas novas categorias de comportamento da criança cega foram - *Movimento das mãos*, referente a situações nas quais, enquanto mastigava o alimento ou após engoli-lo, a criança movimentava as mãos sem função observável relacionada à atividade de alimentação ou sem estar relacionado a alguma brincadeira identificável pela pesquisadora; - *Responder à mãe*, relativa a situações nas quais a mãe fazia alguma pergunta e a criança respondia.

Quadro 2 - Descrição dos comportamentos da criança cega - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações.

Buonadio (2003)	Da Silva e Aiello (2012)	Canosa e Postalli (2016a)	Interação mãe-criança cega durante a alimentação
Prestando Atenção	Prestando Atenção	Prestando Atenção	Prestando Atenção
Obediência	Obediência	Obediência	Obediência
Desobediência	Desobediência	Desobediência	Desobediência
Vocalizações positivas	Vocalizações positivas	Vocalizações positivas	Vocalizações positivas
Vocalizações negativas	Vocalizações negativas	Vocalizações negativas	Vocalizações negativas
Comportamento físico negativo	Comportamento físico negativo	Comportamento físico negativo	Comportamento físico negativo
Fazendo questão	Fazendo questão	Fazendo questão	Fazendo questão
Brincar sozinho	Brincar sozinho	Brincar sozinho	Brincar sozinho
	Criança engajada na tarefa	Criança engajada na tarefa	Criança engajada na tarefa
		Solicitações feitas pela criança	Solicitações feitas pela criança
			Movimento das mãos
			Responder à Mãe

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: As categorias marcadas em escala cinza eram as categorias previstas pelo Protocolo de Análise de Filmagens de Interação” de Buonadio (2003). Nos protocolos subsequentes foram marcadas em escala cinza as categorias acrescidas nos protocolos dos estudos de Da Silva e Aiello (2012), Canosa e Postalli (2016a) e neste trabalho. Em escala branca estão as categorias dos protocolos de Buonadio (2003) e as categorias dos outros protocolos que foram mantidas neste estudo. Destaca-se que apenas os trabalhos de Canosa e Postalli (2016) e este trataram de crianças com deficiência visual.

Protocolo para a Avaliação da interação diádica/triádica mãe vidente-criança cega

Um terceiro protocolo foi empregado com a finalidade de analisar as características da interação pais vidente - criança cega. O protocolo foi adaptado por Canosa e Postalli (2016b) e empregado neste trabalho tal como proposto pelas autoras. O instrumento denominado *Protocolo para avaliação da interação Diádica/Triádica (mãe-criança)* foi adaptado de parte do Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica formulado por Piccinini, Frizzo e Marin (2007) (APÊNDICE 4). O protocolo proposto por Piccinini et al. (2007) visava descrever as interações mães/famílias sem qualquer deficiência visual. Era composto por seis categorias de comportamentos parentais sendo elas: Sensibilidade, Estimulação Cognitiva, Afeto Positivo, Afeto Negativo, Desengajamento e Intrusividade e quatro categorias de comportamentos infantis, listadas como: Envolvimento, Interação, Afeto positivo e Afeto Negativo. A adaptação apresentada por Canosa e Postalli (2016b) consistiu em ajustar o conteúdo das categorias e subcategorias que examinavam o contato visual da criança com a mãe para a utilização na análise de dados provenientes de crianças com deficiência visual.

No Quadro 3 encontram-se, em ordem cronológica de publicação, as adaptações dos protocolos acompanhadas pelos respectivos acréscimos ou alterações, até a formulação do protocolo empregado neste estudo para a análise dos comportamentos dos pais.

Quadro 3 - Descrição dos comportamentos dos pais - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações realizadas nos estudos de Piccinini et. al. (2007), Canosa e Postalli (2016b) e no presente estudo

Piccinini, Frizzo e Marin (2007)	Canosa e Postalli (2016b)	Interação mãe-criança cega durante a alimentação
Sensibilidade	Sensibilidade	Sensibilidade
Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva
Afeto Positivo	Afeto Positivo	Afeto Positivo
Afeto Negativo	Afeto Negativo	Afeto Negativo
Desengajamento	Desengajamento	Desengajamento
Intrusividade	Intrusividade	Intrusividade
	Oferecimento de Instruções	Oferecimento de Instruções
	Orientações da Mãe à Criança	Orientações da Mãe à Criança

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: As categorias marcadas em escala cinza eram as categorias do Protocolo para avaliação da interação Diádica/Triádica mãe-criança (Piccinini et. al., 2007), seguidas das categorias acrescentadas por Canosa e Postalli (2016) em relação aos comportamentos dos pais e as marcadas em escala branca eram as categorias originais de Piccinini et al. (2007) mantidas nos estudos de Canosa e Postalli (2016/b) e empregadas neste estudo.

As categorias que compuseram o quarto protocolo que avaliava a interação diádica/triádica foram apresentadas no Quadro 4. Também neste quadro, as adaptações dos protocolos foram apresentadas em ordem cronológica de publicação, acompanhadas pelos respectivos acréscimos ou alterações, até a formulação do protocolo empregado neste estudo para a análise dos comportamentos dos pais. Uma nova categoria de comportamento infantil “Expressões faciais positivas” foi acrescentada por Canosa e Postalli (2016b) àquelas descritas pelo Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (PICCININI et al., 2007). Assim, também aqui, as categorias utilizadas para análise se constituíram da soma das categorias originais dos protocolos com aquelas criadas e listadas pelas autoras.

Quadro 4 - Descrição dos comportamentos da criança cega - Sequência cronológica dos protocolos com a indicação das respectivas adaptações realizadas nos estudos de Piccinini et. al. (2007), Canosa e Postalli (2016b) e no presente estudo

Piccinini, Frizzo e Marin (2007)	Canosa e Postalli (2016)	Para este estudo
Envolvimento	Envolvimento	Envolvimento
Interação	Interação	Interação
Afeto Positivo	Afeto Positivo	Afeto Positivo
Afeto Negativo	Afeto Negativo	Afeto Negativo
	Expressões Faciais Positivas	Expressões Faciais Positivas

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: As categorias marcadas em escala cinza são as categorias do Protocolo para avaliação da interação Diádica/Triádica mãe-criança (PICCININI ET. AL.,2007), seguidas das categorias acrescentadas por Canosa e Postalli (2016) em relação aos comportamentos da criança e as marcadas em escala branca são as categorias originais de Piccinini et al. (2007) mantidas nos estudos de Canosa e Postalli (2016) e neste estudo.

3 PROCEDIMENTOS

O recrutamento dos participantes foi realizado pelo contato inicial com a instituição que atendia pessoas com deficiência visual. Um levantamento dos participantes que atendiam aos critérios estabelecidos para a pesquisa foi realizado: - ser uma criança com deficiência visual, com até 36 meses de idade e desenvolvimento típico. Uma criança foi selecionada e sua mãe contatada e convidada para uma reunião na qual foram apresentados os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados e o tempo necessário para a coleta de dados.

Após esclarecimentos e concordância da mãe em participar do estudo junto com seu filho, foi solicitado que esta assinasse o Termo de consentimento livre e esclarecimento, conforme prevê o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar. Foi então agendada data e horário para a realização da entrevista para caracterização do participante – Avaliação educacional de alunos com baixa visão e múltipla deficiência na educação infantil, adaptado (BRUNO, 2005), com a mãe da criança. A entrevista ocorreu na instituição frequentada pelo participante e durante o período de atendimento terapêutico da criança. Após a entrevista, o Termo de Assentimento foi apresentado à criança, que concordou em participar da pesquisa.

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pela própria mãe, na residência da díade, durante os momentos de alimentação do seu filho, três vezes por semana, por três meses consecutivos. As ações da mãe e da criança foram vídeogravadas durante as situações de alimentação, tais como: café da manhã, almoço, lanche e jantar. Os dias mais apropriados para realização dos registros foram escolhidos pela mãe. A decisão de solicitar à mãe que fizesse as filmagens das interações na residência da díade buscou garantir o registro da situação no contexto mais próximo daquele do cotidiano da mãe e da criança e, ao mesmo tempo, preservar a intimidade da família e evitando a possível influência da permanência da experimentadora na casa.

Antes do início da coleta de dados, a mãe foi exposta à capacitação para realização as filmagens. Ela recebeu orientações quanto ao manejo da câmera, posicionamento desta no espaço e enquadramento da imagem. Também foram especificadas as situações que deveriam ser vídeo-gravadas e que atendiam aos objetivos do estudo: situações de alimentação em que a mãe e a criança estivessem presentes no mesmo ambiente e fossem, ambas, enquadradas na filmagem.

As gravações feitas pela mãe eram entregues à experimentadora semanalmente. Nestas ocasiões, a pesquisadora buscava garantir a disposição da mãe em continuar participando da

pesquisa, reorientando-a quanto às filmagens e buscando minimizar possíveis desconfortos para ela e a criança, durante as gravações. Foram realizadas um total 15 filmagens em diferentes dias, totalizando 3 horas e 20 minutos de registro.

3.2 Tratamento e análise de dados

A pesquisadora assistiu a todas as filmagens realizadas pela mãe e selecionou aquelas que contemplavam os critérios estabelecidos para seleção, que foram: - tratar-se de uma situação de interação mãe-criança, durante um período de alimentação da criança; - os registros com maior duração. No total, 15 filmagens foram obtidas; com a duração média de 13 minutos e 20 segundos. A filmagem de maior duração tinha 18 minutos e 08 segundos e a de menor duração tinha de 43 segundos.

Considerando os critérios para seleção das filmagens analisadas, sete vídeo-gravações foram escolhidas, totalizando 49 minutos de duração. Vídeo 1= 11min40s; vídeo 2= 15min49s; vídeo 3= 18min08s; vídeo 4= 10 min10s; vídeo 5=12min05s; vídeo 6=09min26s e vídeo 7=08 min49s.

O tratamento e a análise de dados obedeceram ao procedimento de registro por amostragem de tempo de 10 segundos de observação e 10 segundos de registro (DANNA; MATOS, 2006). Para a categorização dos comportamentos na interação, em cada atividade de alimentação, cada filmagem selecionada foi, inicialmente, assistida sem interrupções pela pesquisadora. Posteriormente, foram assistidas novamente, por diversas vezes e com interrupções, para o preenchimento dos protocolos adotados.

Todas as filmagens foram primeiramente analisadas com o emprego do Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação de Canosa e Postalli (2016a) (APÊNDICE 5) e, depois, pelo Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica de Canosa e Postalli (2016b) (APÊNDICE 6). Retoma-se aqui, que o acréscimo das letras “a” e “b” após a referência da publicação dos protocolos de Canosa e Postalli (2016a; 2016b) teve por objetivo distinguir os dois protocolos empregados naquele e neste estudo.

Para o preenchimento dos dois protocolos, foram analisados os 07min finais de cada filmagem, de acordo com o estabelecido por Piccinini et al. (2007) e padronizado neste estudo. Piccinini et al. (2007) argumentaram que recorrendo aos sete minutos finais das gravações evita-se possíveis distúrbios que aconteciam no início das filmagens e padroniza-se a duração dos registros considerados no estudo. Atendendo a esta normativa, em cada um dos protocolos (*Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação e Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica*), tomou-se o período de 7 minutos finais e estes foram segmentados em 42 intervalos de dez segundos cada.

O registro da ocorrência de cada categoria foi efetuado em intervalos alternados de 10 segundos. A gravação era observada durante 10 segundos e as categorias eram anotadas nos 10 segundos subsequentes. De acordo com este procedimento, a frequência absoluta de comportamentos, em cada categoria listada, era de, no máximo, 21 para cada situação de alimentação analisada (visto que, havia 21 intervalos de 10 segundos durante os quais a observação era realizada e 21 intervalos durante os quais acontecia o registro das categorias). Assim, a frequência de ocorrência não foi computada nos intervalos de observação. Por exemplo, se no primeiro intervalo de 10 segundos a mãe motivou a criança a comer cinco vezes, a categoria de comportamento materno *Motivação para tarefa* foi identificada como presente e registrada apenas uma vez.

É importante retomar que, durante a análise das filmagens, preenchendo o Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a), houve a necessidade de se criar novas categorias que abrangessem os comportamentos da mãe e da criança, não contemplados pelas categorias do protocolo (Comportamento materno: *Organização/Preparação*; - Comportamento infantil: *Movimento das mãos e responder à mãe*). No protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (PICCININI et al., 2007) não foram acrescentadas novas categorias.

Neste estudo, portanto, as categorias utilizadas para análise se constituíram categorias originais dos protocolos somadas àquelas criadas e descritas na seção de Material e Instrumentos.

Após análise das filmagens realizada pela classificação dos comportamentos de acordo com os instrumentos adaptados de Canosa e Postalli (2016a; 2016b), a relação entre as categorias obtidas e as classes de Perda ou Ganho propostas por Gandolfine (2013) foi examinada. Cada uma das categorias empregadas nos protocolos tinha uma definição correspondente e as classes Perda ou Ganho eram definidas pelas oportunidades de aprendizagem/aquisição de repertório pela criança, aproveitadas ou não pela mãe.

O critério estabelecido para a inserção de determinadas categorias descritas em cada protocolo na classe “Ganho” foram: aquelas categorias que incluíam comportamentos das mães considerados potencialmente favoráveis a promoção de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Por exemplo: na categoria *Modelando*, a mãe pegava a mão da criança segurando a colher junto com ela, levava a colher até o prato, enchia-a de comida e, em seguida, levava-a até a boca da criança e devolvia a colher ao prato, ao mesmo tempo em que explicava oralmente a ação. Esse comportamento da mãe foi considerado de grande relevância para a criança

aprender a se alimentar de forma independente e, assim considerado como um comportamento da classe Ganho.

De forma semelhante, o critério estabelecido para inserção de determinadas categorias, em cada protocolo, na classe Perda, foi: aquelas categorias cujos comportamentos da mãe descreviam ações que não contribuía para a aquisição de determinado repertório pela criança e a promoção de sua autonomia. Por exemplo, situações nas quais a mãe oferecia o alimento à criança sem nomeá-lo ou a mãe não informava quais alimentos estavam disponíveis para a criança comer. Estes comportamentos foram incluídos na categoria que indicava perda de oportunidade de estabelecer a relação entre o nome da comida e sua textura ou paladar e, assim, promover a aquisição de determinado repertório pelo filho.

Já a categoria “Brincar sozinho” foi avaliada como comportamentos em que a mãe desperdiçava oportunidades para ensinar algo à criança e foi, assim, classificada dentro da classe Perda.

Um último procedimento de análise foi realizado tendo em vista que o objetivo deste trabalho foi caracterizar as classes de interação mãe vidente-criança cega definidas/nomeadas como “Ganho” ou “Perda” de oportunidades de ensino pela mãe vidente para seu filho com deficiência visual no contexto de alimentação da criança. Buscou-se a correspondência entre as categorias propostas por Canosa e Postalli (2016a; 2016b) e as classes de “Ganho” ou “Perda” do protocolo de Gandolfine (2013).

No Quadro 5 encontra-se a classificação das categorias listadas em ambos os protocolos (Protocolo de análise das filmagens de interação de Canosa e Postalli (2016a) e Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica de Canosa e Postalli (2016b), de acordo com as classes Ganho ou Perda referentes aos comportamentos dos pais.

Quadro 5 - Correspondência entre as classes Ganho e Perda e as categorias listadas no Protocolo de análise das filmagens de interação e no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica, em relação aos comportamentos dos pais e da criança

Comportamentos dos pais (mãe)		
Classes	Protocolo de análise das filmagens de interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a) referentes aos comportamentos dos pais	Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b) referentes aos comportamentos dos pais
Ganho	Comentários positivos Motivar a criança para a tarefa Olhar dirigido à criança Dar dicas (verbais ou gestuais) Ajuda física Imitação da vocalização da criança e/ou expansão Correção de comportamento inadequado Fazendo uma questão Modelando Rotulando Comando Contato físico positivo Descrição e antecipação das próprias ações pela mãe Responder à criança (mãe) Organização/ Preparação	Sensibilidade Estimulação cognitiva Oferecimento de Instruções Orientações da mãe à criança Afeto Positivo
Perda	Brincar sozinho Repreensão Física Comentário Negativo	Afeto negativo Desengajamento Intrusividade
Comportamentos da criança		
Classes	Protocolo de análise das filmagens de interação (CANOSA; POSTALLI, 2016/a) referentes aos comportamentos das crianças	Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016/b) referentes aos comportamentos das crianças
Ganho	Prestando Atenção Obediência Vocalizações positivas Fazendo uma questão Criança engajada na tarefa Solicitações feitas pela criança Responder à Mãe	Envolvimento Interação Afeto Positivo Expressões Faciais Positivas
Perda	Desobediência Vocalizações negativas Comportamento Físico negativo Brincar sozinho Movimento com as mãos para distração	Afeto Negativo

Fonte: elaborado pela autora.

3.3 Índice de concordância

O cálculo do Índice de Concordância (IC) simples entre observadores foi realizado com base no registro de 50% da amostra total de vídeos por um segundo observador ingênuo quanto aos objetivos do estudo e devidamente treinado para análise com os dois diferentes protocolos. Para o cálculo do IC simples, em cada protocolo, o número de concordâncias foi dividido pela soma do número de concordâncias com o número de discordâncias e multiplicado por 100 (KAZDIN, 1982). Para obter o IC simples da díade foram somados os IC dos dois diferentes protocolos e o resultado foi dividido por 2, resultando em 90,4 %. O IC em relação aos dados das interações mãe criança variou entre 90% e 91%.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho, os comportamentos da mãe vidente foram categorizados predominantemente na classe de oportunidades de Ganho (138), em relação às oportunidades não aproveitadas pela mãe da classe Perda (25), para promover o desenvolvimento da criança cega na direção da autonomia (Tabela 1). Entretanto, ao se considerar a proposta de análise das interações diádicas e triádicas os resultados se inverteram. As ocorrências de oportunidades de Ganho (79) foram menores do que as oportunidades não aproveitadas - Perda (138).

Considerando que o objetivo deste estudo foi caracterizar as classes de interação mãe vidente-criança cega, definidas/nomeadas como “Ganho” ou “Perda” de oportunidades de ensino pela mãe para seu filho com deficiência visual, no contexto de alimentação da criança, é preciso examinar o quanto protocolos de análise propostos para estudar as interações entre parceiros videntes é apropriada neste caso. Oliveira e Nunes (2015) discutiram a importância da realização de pesquisas e do investimento em elaborar instrumentos de avaliação psicológica apropriados para populações específicas. Embora a análise das autoras tratasse da avaliação psicológica, a discussão parece aplicar-se apropriadamente à discussão dos resultados deste trabalho.

O questionamento sobre o quanto o emprego de instrumentos elaborados para a população em geral é pouco apropriado para a análise das situações das populações alvo da Educação Especial ganha relevo (OLIVEIRA; NUNES, 2015). A comparação dos resultados obtidos pelo uso dos protocolos elaborados para estudar a interação de pessoas videntes com crianças com deficiência visual (Tabela 1), com os resultados obtidos pelo uso dos protocolos destinados a pessoas sem comprometimento visual (Tabela 2), parece confirmar o quanto é necessário elaborar e testar a validade de instrumentos que levem em conta as especificidades da população.

Na Tabela 1 encontram-se as categorias listadas no Protocolo Análise de Filmagens de Interação Canosa e Postalli, (2016a) - para crianças com deficiência visual) organizadas de acordo com as classes Ganho ou Perda (GANDOLFINE, 2013), para cada videogravação.

Tabela 1- Frequência de ocorrência de comportamentos maternos nas categorias do Protocolo Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a) e classificadas de acordo com as classes Ganho ou Perda

Categorias da Classe Ganho	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Vídeo 5	Vídeo 6	Vídeo 7	Nº Total de ocorrências
Comentário positivo	1	1	0	0	0	0	0	2
Motivação para a tarefa	7	6	3	6	1	0	0	23
Dica Verbal	5	2	3	1	1	0	7	19
Olhar Dirigido à criança					Não se aplica			
Dica Gestual	0	0	0	0	0	0	0	0
Ajuda Física	1	0	1	1	0	0	3	6
Imitação vocalização da criança/Expansão	0	0	0	0	0	0	0	0
Correção de Comportamento Inadequado	0	0	0	0	0	0	0	0
Fazendo Questão	3	3	4	3	0	0	1	14
Modelando	1	0	0	0	0	0	0	1
Rotulando	0	0	0	0	0	0	0	0
Comando	10	13	1	6	2	0	5	37
Contato Físico positivo	0	2	3	0	0	0	2	7
Responder à criança	1	1	0	0	0	0	0	2
Organização/Preparação da tarefa	8	11	5	3	0	0	0	27
Total	37	39	20	20	4	0	18	138
Categorias da Classe Perda	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Vídeo 5	Vídeo 6	Vídeo 7	Nº Total de ocorrências
Brincar Sozinho	9	0	7	0	0	0	2	18
Comentário negativo	4	0	1	1	0	0	1	7
Repressão Física	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	13	0	8	1	0	0	3	25

Na Tabela 2 encontram-se as categorias listadas no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica adaptado por Canosa e Postalli (2016b) organizadas de acordo com as classes Ganho ou Perda (GANDOLFINE, 2013), para cada videogravação.

Tabela 2 - Frequência de ocorrência de comportamentos da mãe nas categorias do Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b) e classificadas de acordo com as classes *Ganho* ou *Perda*

Categorias da Classe Ganho	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Vídeo 5	Vídeo 6	Vídeo 7	TOTAL
Sensibilidade	2	0	0	0	0	0	2	4
Estimulação Cognitiva	3	5	3	5	1	0	7	24
Afeto Positivo	4	9	8	1	0	0	7	29
Oferecimento de Instruções	3	0	1	1	1	0	7	13
Orientação da mãe a criança	3	6	0	0	0	0	0	9
Total	15	20	12	7	2	0	23	79
Categorias da Classe Perda	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Vídeo 5	Vídeo 6	Vídeo 7	TOTAL
Afeto Negativo	7	2	0	3	1	0	1	14
Desengajamento	5	8	11	19	19	19	16	97
Intrusividade	10	3	3	1	0	0	0	17
Total	22	13	14	23	20	19	17	128

De modo geral, a análise da ocorrência de cada categoria pelo “Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação” (CANOSA; POSTALLI, 2016a) indicou maior frequência de comportamentos da mãe nas categorias Comando, Organização/Preparação da tarefa e Motivação para a tarefa. No protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b), as categorias de comportamento maternos mais frequentes foram Estimulação cognitiva e Afeto positivo. Estes resultados então confirmam aqueles obtidos nos estudos de Canosa e Postalli (2016a; b) que indicaram, na análise da interação de três díades mães-crianças com deficiência visual, a utilização mais frequente pelas mães de, principalmente, comandos e motivação de comportamentos e de afeto e responsividade ao filho.

A ocorrência predominante da categoria Comando vai ao encontro de um dos temas mais consistentes na literatura sobre linguagem e interação mãe-criança, que diz respeito ao estilo diretivo dos pais quando se comunicam com seus filhos, incluindo desde o uso de imperativos ou de comandos e/ou solicitações. No caso da criança com deficiência visual, embora existam evidências de que o desenvolvimento da linguagem destas crianças seja similar ao das outras crianças, as diferenças qualitativas encontradas no desenvolvimento linguístico de ambos os grupos parecem ser reflexo da linguagem usada pelos pais na interação com a criança DV. Medeiros e Salomão (2012a) ao analisarem a interação mãe-bebê com deficiência visual em um contexto de brincadeira livre verificaram que as interações ocorreram, principalmente, por meio da coordenação da fala da mãe com a ação gestual na forma de comandos.

Kreutz e Bosa (2009), ao discutirem o estudo de Behl et al. (1996), que comparou os padrões interativos de mães de crianças com deficiência visual com os comportamentos interativos de crianças videntes, consideram que as mães de crianças cegas apresentaram maior frequência de comportamentos diretivos o que não impediu que, simultaneamente, apresentassem comportamentos de responsividade e afeto apropriados. Os autores discutem que as diferenças encontradas foram, possivelmente, função das tentativas das mães de usarem formas alternativas à visão para manterem contato com a criança.

Medeiros e Salomão (2014) verificaram estratégias de comunicação utilizadas pela mãe de uma díade mãe-criança com deficiência visual, em uma situação de brincadeira livre e uma de brincadeira estruturada. Segundo os autores as estratégias utilizadas pela mãe foram verbais, quando a mãe utiliza do direcionamento como forma de chamar a atenção da criança para o episódio interativo, além do contato físico, ou seja, a ação de tocar a criança e de aproximá-la dos objetos e eventos com os quais deseja compartilhar. Nesse sentido, de acordo com Sigolo

(2000), o comportamento diretivo da mãe possibilita que ela regule ou mesmo direcione o comportamento do filho. O comando ou a ordem dada pode ser realizado através de convites, de incentivos, de sugestões ou ajuda física. Neste estudo este aspecto pode ser evidenciado quando a mãe incentiva a criança a comer, dizendo “Vai, isso mesmo, pega a colher!” ou até mesmo ajuda física, quando a mãe pega a mão da criança para ela pegar a colher, encher de comida e fazer o movimento de levar até a boca e voltar a colher no prato.

Um comportamento da mãe identificado neste estudo foi categorizado como Organização/Preparação da tarefa. Referia-se à organização feita pela mão dos alimentos no prato e na colher para que a criança a levasse a boca. Apesar de este ser um comportamento importante para a aprendizagem da criança durante episódios de alimentação, estas ações não foram, na maioria das vezes, acompanhadas da descrição verbal da ação empreendida pela mãe, ou seja, esta não informou ao filho quais alimentos estavam no prato ou na colher. Tampouco orientou-o na exploração e reconhecimento do que iria comer.

É esperado que pessoas videntes, sem orientação especializada, não atentem para as necessidades de descrição e oferta de oportunidades de exploração para que as pessoas com deficiência visual sirvam-se dos alimentos em uma refeição. A ausência da descrição ou da antecipação das ações, quando ocorre de modo exclusivo, parece ser pouco eficiente para a promoção da aprendizagem e autonomia da criança.

No caso da criança com deficiência visual é preciso considerar cuidadosamente as formas como a informação é transmitida à criança e a anunciação ou descrição do que vai acontecer (para a criança) deve ter o objetivo de antecipar eventos e permitir que ela compreenda o que se sucederá. Neste processo a mãe dispõe de outras modalidades sensoriais, diferentes da visão, que possibilitam o fornecimento de pistas para a adequada transmissão de tais informações a criança, como pistas táteis, pistas relativas aos aspectos físicos e sonoros dos objetos, entre outras.

Dentre as categorias de comportamento da mãe menos frequentes, de acordo com a análise pelo “Protocolo de Categorias de Análise de Filmagens de Interação” (CANOSA; POSTALLI, 2016a), estavam Ajuda Física e Modelando. A ausência destas ações por parte da mãe foi observada nas situações em que a criança se encontrava sentada em frente ao prato com comida e a mãe dava comando verbal pedindo para a criança comer. A oferta de ajuda física para a conquista da autonomia da criança cega ao alimentar-se parece relevante para estabelecer as primeiras habilidades de pegar a colher, preenchê-la com o alimento que está no prato, levá-la à boca e devolvê-la sobre a mesa ou prato. Ou seja, neste processo a criança precisa receber orientações que englobem ajuda física da mãe, segurando em suas mãos, indicando o

movimento que ela deve realizar, simultânea descrição verbal da ação, buscando, deste modo, promover a autonomia na realização da atividade, acompanhada por comandos ou descrições das ações em curso.

As oportunidades de imitação parecem ser um outro aspecto crítico do desenvolvimento de habilidades de vida diária em crianças com deficiência visual, de acordo com França-Freitas e Gil (2012). As autoras discutiram que o bebê com visão íntegra aprende como realizar certas tarefas tanto pela reprodução dos gestos e ações das pessoas com quem convivem (imitação pela observação dos comportamentos das pessoas em seu entorno, e suas consequências - aprendizagem observacional). No caso de crianças com acesso visual comprometido, a imitação e a aprendizagem observacional são processos de aquisição de habilidades que ficam prejudicados e que requerem a complementação por outras ações planejadas pelos adultos para maximizar o desenvolvimento (NUNES; LOMÔNACO, 2008).

O estudo do desenvolvimento da criança cega parece mostrar que a estimulação adequada e condições eficientes de aprendizagem proporcionarão o ambiente que pode contribuir de forma decisiva as habilidades cotidianas e para a autonomia da criança cega. (PÉREZ-PEREIRA; CONTI-RAMSDEN, 2008).

O reconhecimento do papel determinante da ação do adulto para o desenvolvimento da criança com deficiência visual se estende para a compreensão de que é preciso planejar os contextos e as atividades oferecidas cotidianamente para esta população.

Para Pérez-Pereira e Conti-Ramsden (2008) os programas de orientação e intervenção com pais, por serem eles os principais agentes de desenvolvimento, devido ao grande período de tempo que passam com seus filhos com deficiência visual são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança. Os programas de intervenção devem ser altamente individualizados, considerando as características da criança, da família e a interação entre elas, evidenciando-se assim, a importância de uma abordagem interdisciplinar no atendimento à criança cega. Apontam também que para uma intervenção ter sucesso ela deveria ser precoce, estar dirigida à prevenção e à antecipação de possíveis dificuldades e desafios da criança cega, estando baseada em uma avaliação cuidadosa do desenvolvimento da criança em diferentes áreas e promovendo informações aos pais sobre os padrões de desenvolvimento da criança cega.

Os dados apresentados na Tabela 1 foram detalhados de acordo com os registros videogravados, apresentados em ordem cronológica, conforme se segue.

Video - 1, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Comentário Positivo (1), Motivação para a Tarefa (7), Dica Verbal (5), Ajuda Física (1), Fazendo Questão (3), Modelando (1), Comando (10), Responder à Criança (1) e

Organização/Preparação (8). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Ganho*, nas categorias: Olhar Dirigido à Criança, Dica gestual, Imitação/Expansão das Vocalizações da Criança, Correção de Comportamentos Inadequados, Rotulando e Contato Físico Positivo. Nas categorias relativas à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos: Brincar Sozinho (9) e Comentários Negativos (4). Não houve ocorrência do comportamento materno em relação à Classe *Perda*, na categoria: Repressão Física.

Vídeo 2, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Comentário Positivo (1), Motivação para a Tarefa (6), Dica Verbal (2), Fazendo Questão (3), Comando (13), Contato Físico Positivo (2), Responder à Criança (1) e Organização/Preparação (11). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Ganho*, nas categorias: Ajuda Física, Olhar Dirigido à Criança, Dica gestual, Modelando, Imitação/Expansão das Vocalizações da Criança, Correção de Comportamentos Inadequados e Rotulando. Nas categorias relativas à classe *Perda*, não houve a ocorrência dos comportamentos maternos: Brincar Sozinho, Comentários Negativos e Repressão Física.

Vídeo 3, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Organização e Preparação da situação (5), Motivação para Tarefa (3), Dica Verbal (3), Fazendo Questão (4) e Contato Físico Positivo (3), Ajuda Física (1) e Comando (1). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Ganho*, nas categorias: Comentário positivo, Dica gestual, Imitação/expansão das vocalizações da criança, Correção de comportamentos inadequados, Modelando, Rotulando e Responder à criança. Nas categorias relativas à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos: Brincar Sozinho (7) e Comentário Negativo (1). Não houve ocorrência do comportamento materno em relação à Classe *Perda*, na categoria: Repreensão Física.

Vídeo 4, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Comando (6), Motivação para a tarefa (6), Fazendo questão (3), Organização/preparação da situação (3), Dica verbal (1), Ajuda física (1). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Ganho*, nas categorias: Comentário positivo, Dica Gestual, Imitação/expansão das Vocalizações da criança, Correção de comportamentos inadequados, Olhar Dirigido à Criança, Modelando, Rotulando, Contato físico positivo e Responder à criança. Nas categorias relativas à classe *Perda*, houve a ocorrência do comportamento materno: Comentário Negativo (1). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Perda*, nas categorias: Brincar Sozinho e Repreensão Física.

Vídeo 5, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Motivação para tarefa (1), Dica verbal (1) e Comando (2). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Ganho*, nas categorias: Comentário Positivo, Olhar dirigido à criança, Dica Gestual, Ajuda Física, Imitação vocalização da criança/expansão, Correção de comportamento inadequado, Fazendo questão, Modelando, Rotulando, Contato físico positivo, Responder à criança, Organização/preparação da tarefa. Nas categorias relativas à classe *Perda*, não houve a ocorrência dos comportamentos maternos: Brincar sozinho, Comentário negativo e Repressão física.

Vídeo 6 a análise indicou que não houve registro de ocorrência de comportamentos relacionados às categorias da classe *Ganho* e das categorias relativas à classe *Perda*, pois durante a filmagem a mãe não interagiu com a criança. O reexame do registro mostrou que a mãe permaneceu comendo, sentada ao lado da criança.

Vídeo 7, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Dica Verbal (7), Comando (5), Contato Físico Positivo (2), Ajuda Física (3), Fazendo uma Questão (1). Não houve ocorrência dos comportamentos maternos em relação à Classe *Ganho*, nas categorias: Comentário Positivo, Motivação para Tarefa, Olhar dirigido à criança, Dica Gestual, Imitação/Expansão das vocalizações da criança, correção de comportamentos inadequados, Modelando, Rotulando, Responder à criança e Organização/Preparação da situação. Nas categorias relativas à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos: Brincar Sozinho (2), Comentários Negativos (1) e não houve a ocorrência do comportamento materno: Repressão física.

A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos na análise da interação entre mãe e seu filho cego, bem como a frequência de ocorrência de comportamentos maternos nas categorias listadas (número apresentado entre parênteses) no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica adaptado por Canosa e Postalli (2016b) e classificadas de acordo com as classes *Ganho* ou *Perda* (GANDOLFINE, 2013), além do número total de ocorrências durante todas as ocasiões observadas.

Os dados apresentados na Tabela 2 foram detalhados de acordo com os registros videogravados, apresentados em ordem cronológica, conforme se segue.

A análise da interação mãe/criança cega de acordo com as categorias do Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALI 2016/b) e das classes *Ganho* e *Perda* (GANDOLFINE, 2013) indicou, no **vídeo 1**, em relação à classe *Ganho*, a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Sensibilidade (2), Estimulação cognitiva (3), Afeto positivo (4), Oferecimento de instruções (3), Orientação da mãe à criança (3).

Em relação à classe *Perda* houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Intrusividade (10), Afeto Negativo (7) e Desengajamento (5).

Vídeo 2, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Estimulação cognitiva (5), Afeto positivo (9) e orientação da mãe à criança (6). Não houve a ocorrência dos comportamentos maternos, em relação à classe *Ganho* nas categorias: Sensibilidade e Oferecimento de Instruções. Em relação à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Intrusividade (10), afeto negativo (7) e desengajamento (5).

Vídeo 3, em relação a classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Estimulação Cognitiva (3), Afeto Positivo (8) e Oferecimento de instrução (1). Não houve a ocorrência dos comportamentos maternos em relação à classe *Ganho* nas categorias: Sensibilidade e Orientação da mãe à criança. Em relação à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Desengajamento (11) e Intrusividade (3). Não houve a ocorrência do comportamento materno, em relação à classe *Perda* na categoria: Afeto Negativo.

Vídeo 4, em relação a classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Estimulação Cognitiva (5), Afeto positivo (1) e Oferecimento de instrução (1). Não houve a ocorrência dos comportamentos maternos, em relação à classe *Ganho* nas categorias: Sensibilidade e Orientação da mãe à criança. Em relação à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Desengajamento (19), Afeto Negativo (3) e Intrusividade (1).

Vídeo 5, em relação a classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Estimulação Cognitiva (1) e Oferecimento de Instruções (1). Não houve a ocorrência dos comportamentos maternos, em relação à classe *Ganho* nas categorias: Sensibilidade, Afeto Positivo e Orientação da mãe à criança. Em relação à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Desengajamento (19) e Afeto negativo (1). Não houve a ocorrência do comportamento materno, em relação à classe *Perda* na categoria: Intrusividade.

Vídeo 6, em relação a classe *Ganho*, não houve ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Sensibilidade, Estimulação Cognitiva, Afeto positivo, Oferecimento de Instruções e Orientação da mãe à criança. Em relação à classe *Perda*, houve a ocorrência do comportamento materno na categoria: Desengajado (19). Não houve a ocorrência dos comportamentos maternos, em relação à classe *Perda* nas categorias: Afeto negativo e Intrusividade.

Vídeo 7, em relação à classe *Ganho*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Sensibilidade (2), Estimulação cognitiva (7), Afeto positivo (7), Oferecimento de Instruções (7). Em relação a classe *Ganho*, não houve ocorrência do comportamento materno na categoria: Orientação da mãe à criança. Em relação à classe *Perda*, houve a ocorrência dos comportamentos maternos nas categorias: Desengajado (16) e Afeto negativo (1). Não houve a ocorrência do comportamento materno, em relação à classe *Perda* na categoria: Intrusividade.

Nas Tabelas 3 e 4 encontra-se a frequência de ocorrência de comportamentos da criança nas categorias listadas (número apresentado entre parênteses) no Protocolo de Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a) e no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b).

Tabela 3 - Frequência de ocorrência de comportamentos da criança nas categorias contidas no Protocolo de Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a)

Categorias	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Vídeo 5	Vídeo 6	Vídeo 7	Total
Prestando Atenção	6	12	5	11	1	8	6	49
Obediência	15	13	5	8	2	12	3	58
Desobediência	1	0	0	0	1	0	1	3
Vocalizações Positivas	2	2	4	6	1	0	0	15
Vocalizações Negativas	3	2	4	1	0	0	0	10
Engajada na tarefa	21	19	16	17	17	14	12	118
Comportamento físico negativo	0	0	0	0	0	10	0	10
Fazendo uma questão	0	1	3	1	5	2	0	12
Criança brinca sozinha	0	2	5	7	8	9	18	49
Movimentos com as mãos para distração	1	0	3	4	7	2	1	18
Solicitações	0	1	0	1	0	0	0	2
Manipulação de Objetos	0	1	1	2	0	1	1	6
Responder à Mãe	0	1	1	2	3	0	0	7
Total	49	54	47	60	45	58	42	357

Considerando a participação da criança na interação com a mãe e na atividade de alimentação, verifica-se que o menino esteve predominantemente envolvido em comportamentos favoráveis a uma relação positiva em 73,1% das ocorrências (261) e em comportamentos desfavoráveis em 6,4% (23) das ocorrências registradas. Um conjunto de ocorrências 20,5% (73) esteve relacionado a categorias que descreveram comportamentos que poderiam ou não se avaliados como favoráveis ao engajamento da criança na atividade e com a mãe: Criança brinca sozinha; Movimentos com as mãos e Manipulação de objetos.

Os dados apresentados na Tabela 3 foram detalhados de acordo com os registros videogravados, apresentados em ordem cronológica, conforme se segue.

Quanto à análise dos comportamentos da criança na interação mãe/criança cega, de acordo com as categorias do Protocolo de Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a), no **vídeo 1**, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Engajado na Atividade (21), Obediência (15), Prestando Atenção (6), Vocalização Negativa (3), Vocalização Positiva (2), Desobediência (1), Movimento com as Mãos para distração (1) e Manipulação de Objetos (1). Os comportamentos, Fazendo Questão, Comportamento Físico Negativo, Criança Brinca Sozinha, Solicitações e Responder à Criança não tiveram nenhuma ocorrência.

Vídeo 2, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Engajado na Atividade (19), Obediência (13vezes), Prestando atenção (12), Vocalização positiva (2), vocalização negativa (2), criança brincar sozinha (2), Fazendo Questão (1), Solicitações (1) e Responder à Criança (1). Os Comportamentos Desobediência, Comportamento Físico Negativo, Movimento com as Mãos para Distração e Manipulação de Objetos não tiveram nenhuma ocorrência.

Vídeo 3, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Engajado na Atividade (16), Prestando Atenção (5), Obediência (5), Brincar Sozinho (5), Vocalização Negativa (4), Vocalização Positiva (4), Fazendo Questão (3), Movimento com as Mãos para distração (3), Manipulação de Objetos (3) Responder à Criança (3). Os comportamentos, Desobediência, Comportamento Físico Negativo e Solicitações não tiveram nenhuma ocorrência.

Vídeo 4, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Engajado na Atividade (17), Prestando Atenção (11), Obediência (8), Brincar Sozinho (7), Vocalização Positiva (6), Manipulação de objetos (4), Movimento com as Mãos para Distração (4), Responder à criança (2), Vocalização Negativa (1), Fazendo questão (1) e Solicitações (1). Os comportamentos, Desobediência e Comentário Negativo não tiveram nenhuma ocorrência.

Vídeo 5, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Engajamento na Tarefa (17), Brincar Sozinho (8), Movimentos com as Mãos (7), Fazendo Questão (5), Responder à Criança

(3), Obediência (2), Prestando Atenção (1), Desobediência (1) e Vocalização Positiva (1). Os comportamentos Solicitações e Comportamento Físico Negativo não tiveram nenhuma ocorrência.

Vídeo 6, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Engajamento na Tarefa (14), Obediência (12), Comportamento Físico Negativo (10), Brincar Sozinha (9), Prestando Atenção (8), Fazendo Questão (2), Movimento com as Mãos para Distração (2) e Manipulação de Objetos (2). Os comportamentos Desobediência, Vocalização Positiva, Vocalização Negativa, Solicitações e Responder à criança não tiveram nenhuma ocorrência neste vídeo.

Vídeo 7, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Brincar sozinho (18), Engajado na Atividade (12), Prestando Atenção (6), Obediência (3), Desobediência (1), Movimento com as Mãos para Distração (1) e Manipulação de Objetos (1). Os comportamentos, Vocalização Negativa, Comportamento Físico Negativo, Fazendo Questão, Solicitações e Responder à Criança não tiveram nenhuma ocorrência.

O resultado da classificação dos comportamentos da criança de acordo com o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016/b) é compatível com os dados obtidos pela aplicação do Protocolo de Análise de Filmagens de Interação (CANOSA; POSTALLI, 2016a). Para os comportamentos do participante classificados de acordo com o Protocolo de Interação Diádica/Triádica, a característica foi de engajamento em uma interação altamente positiva com a mãe, pois 100% das ocorrências foram categorizadas como Envolvimento 72,0% (131), Interação 15,4% (28) e Afeto positivo 12,6% (23).

Chama a atenção a ausência de expressões faciais positivas em contraposição às características positivas das outras ocorrências. Entretanto, a literatura destaca a necessidade de ensinar, com atividades planejadas, as expressões faciais para crianças com deficiência visual, dado que esta população não tem acesso às expressões faciais das pessoas que as rodeiam e, assim, não podem reproduzi-las.

As oportunidades de imitação parecem ser um aspecto crítico para o desenvolvimento de habilidades de vida diária em crianças com deficiência visual, de acordo com França-Freitas e Gil (2012). As autoras discutem que o bebê com visão íntegra é capaz de aprender como realizar certas tarefas, como atividades de vida diária, por exemplo, por meio da observação direta das pessoas em seu entorno. Entre estas capacidades, encontra-se a de expressar-se pelos movimentos da face. No caso de crianças desprovidas do sentido visual, a aquisição destes repertórios apresenta diferenças significativas, na medida em que crianças cegas necessitam de outros referenciais para se orientar em relação a determinadas atividades e a aprendizagem

ocorre por meio de uma organização sensorial diferente de crianças videntes (NUNES; LOMÔNACO, 2008).

Em continuidade à apresentação da Tabela 4, a ocorrência das categorias foi detalhada, de acordo com os registros videogravados apresentados em ordem cronológica.

Tabela 4 - Frequência de ocorrência de comportamentos da criança nas categorias contidas no Protocolo de Avaliação da Interação Diádica/Triádica (CANOSA; POSTALLI, 2016b)

Categorias	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3	Vídeo 4	Vídeo 5	Vídeo 6	Vídeo 7	Total
Envolvimento	21	19	17	15	21	18	20	131
Interação	10	8	6	2	0	0	2	28
Afeto Positivo	5	7	0	5	0	0	6	23
Afeto Negativo	0	0	0	0	0	0	0	0
Expressões Faciais Positivas	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	36	34	23	22	21	18	28	182

A análise da interação mãe/criança cega indicou a ocorrência das categorias em relação aos comportamentos da criança no **vídeo 1**: Envolvimento (21), Interação (10), Afeto Positivo (5). As categorias Afeto Negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram na análise do vídeo número 1.

Vídeo 2, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Envolvimento (19), Interação (8), Afeto Positivo (7). As categorias Afeto Negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram na análise do vídeo 2.

Vídeo 3, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Envolvimento (17) e Interação (6). As categorias Afeto Positivo, Afeto Negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram na análise do vídeo 3.

Vídeo 4, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Envolvimento (15), Afeto Positivo (5) e Interação (2). As categorias Afeto Negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram na análise do vídeo 4.

Vídeo 5, houve a ocorrência de comportamento na categoria: Envolvimento (21). As categorias Interação, Afeto positivo, Afeto negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram no vídeo 5.

Vídeo 6, houve a ocorrência de comportamento na categoria: Envolvimento (18). As categorias Interação, Afeto Positivo, Afeto Negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram no vídeo 6.

Vídeo 7, houve a ocorrência de comportamentos nas categorias: Envolvimento (20), Afeto Positivo (6) e Interação (2). As categorias Afeto Negativo e Expressões Faciais Positivas não ocorreram no vídeo 7.

Este trabalho vai ao encontro da literatura que afirma a importância de o desenvolvimento da criança cega estar fortemente relacionado à estimulação planejada, constante e adequada. Esta organização do contexto de vida oferecerá à criança as condições eficientes de aprendizagem que proporcionarão a possibilidade de autonomia e independência em todos os aspectos da vida, ou seja, a organização de um ambiente que possa contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento da criança cega (PÉREZ; CONTI-RAMSDEN, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pais e, especialmente a mãe, têm, nos primeiros anos de vida da criança, papel crucial no desenvolvimento dela, pois é com eles que as crianças adquirem suas primeiras aprendizagens. Os pais atuam de forma relevante na promoção de condições que podem favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio-afetivo da criança.

Os resultados deste estudo sugerem a importância da realização de programas de orientação e intervenção destinados aos pais, por serem eles os principais agentes de desenvolvimento, devido ao grande período de tempo que passam com seus filhos. De acordo Pérez e Conti-Ramsden (2008), programas de intervenção devem ser altamente individualizados, considerando as características da criança, da família e a interação entre elas, evidenciando-se assim, a importância de uma abordagem interdisciplinar no atendimento à criança cega. Apontam também que para uma intervenção ter sucesso ela deve ser iniciada o quanto antes, deve estar focada na prevenção e antecipação de possíveis dificuldades e desafios da criança cega, estar baseada em uma avaliação cuidadosa do desenvolvimento da criança em diferentes áreas e promover informações aos pais sobre os padrões de desenvolvimento da criança cega.

Assim, estudos futuros que visem avaliar os padrões de interação da criança cega com seus pais e identificar oportunidades de aprendizagens em diversas situações cotidianas, além da situação de alimentação, e que considerem o desenvolvimento da criança cega nas diferentes áreas, são necessários para que seja possível a proposição de programas de orientação e intervenção, que busquem orientar, capacitar e dar suporte às mães, pais e cuidadores no aproveitamento das oportunidades oferecidas pelas interações e na promoção ativa do desenvolvimento de crianças cegas.

6 REFERÊNCIAS

BRANTLINGER, E. et al. Qualitative studies in special education. **Exceptional children**, v. 71, n. 2, p. 195-207, 2005.

BEHL, D. D. et al. Do mothers interact differently with children who are visually impaired? **Journal of Visual Impairment & Blindness**, v. 90, n. 6, p. 501-511, 1996.

BRANTLINGER, Ellen et al. Qualitative studies in special education. **Exceptional children**, v. 71, n. 2, p. 195-207, 2005.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Avaliação educacional para alunos com baixa visão e múltipla deficiência na educação infantil: uma proposta para adaptação e elaboração de instrumentos**. 198f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

BUONADIO, Marilda Moraes Garcia. **Análise da interação de mães com deficiência mental e seus filhos: intervenção domiciliar**. (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade Federal de São Carlos, 2003.

CANOSA, Alessandra Corne; POSTALLI, Lidia Maria Marson. Análise da interação mãe e criança cega. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, p. 37-49, 2016.

CARVALHO, Ana Maria Almeida. Algumas reflexões sobre o uso da categoria interação social. In: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 18, Ribeirão Preto, **Anais...** Ribeirão Preto: SPRB, 1988. p. 511-515.

CUNHA, Ana Cristina Barros da; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; CANAL, Claudia Patrocínio Pedroza. Operacionalização de escala para análise de padrão de mediação materna: um estudo com díades mãe-criança com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Santa Maria, v. 12, p. 393-412, 2006.

CUNHA, Ana Cristina Barros; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Desenvolvimento da criança com deficiência visual (DV) e interação mãe-criança: algumas considerações. **Psicologia, saúde e doenças**, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 33-46, 2003.

DA SILVA, Nancy Capretz Batista. **Contexto familiar de crianças com síndrome de Down: interação e envolvimento paterno e materno**. (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade Federal de São Carlos, 2007.

DA SILVA, Nancy Capretz Batista; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. Ensinando o pai a brincar com seu bebê com síndrome de Down. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, 2012.

DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. **Aprendendo a observar**. 1ª ed. São Paulo: Edicon, 2006.

FRANÇA-FREITAS, Maria Luiza Pontes de; GIL, Maria Stella Coutinho de Alcântara. O desenvolvimento de crianças cegas e de crianças videntes. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Santa Maria, v. 18, p. 507-526, 2012.

FREITAS, Maura Glória; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Melhorando habilidades sociais de crianças com deficiência visual: um programa de intervenção para mães. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 37, 2007.

GANDOLFINE, Milena. **Interação mãe-bebê com deficiência visual: oportunidade de estimulação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAZDIN, Alan E. **Single-case research designs: Methods for clinical and applied settings**. New York: Oxford University Press, 1982.

KREUTZ, Carla Meira; BOSA, Cleonice Alves. Intervenção precoce na comunicação pais-bebê com deficiência visual. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, p. 537-544, 2009.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de; BATISTA, Cecília Guarneiri. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 28, p. 209-227, 2008.

MEDEIROS, Carolina Silva de; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Interação mãe-bebê com deficiência visual: estilos comunicativos e episódios interativos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, p. 751-760, 2012a.

MEDEIROS, Carolina Silva de; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Concepções maternas sobre o desenvolvimento da criança deficiente visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Santa Maria, v.18, p. 283-300, 2012b.

MEDEIROS, Carolina Silva; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Análise de dois contextos interativos em uma díade mãe-criança com deficiência visual. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 701-713, 2014.

NUNES, Sylvia da Silveira; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. **Psicologia escolar e educacional**, São Paulo, v. 12, p. 119-138, 2008.

OLIVEIRA, Jáima Pinheiro de; MARQUES, Susi Lippi. Análise da comunicação verbal e não-verbal de crianças com deficiência visual durante interação com a mãe. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Santa Maria, v. 11, p. 409-428, 2005.

OLIVEIRA, Cassandra Melo; NUNES; Carlos Henrique Sancineto da Silva. Instrumentos para Avaliação Psicológica de Pessoas com Deficiência Visual: Tecnologias para Desenvolvimento e Adaptação. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 3, p. 886-899, 2015.

PÉREZ-PEREIRA, Miguel; CONTI-RAMSDEN, Gina. **Language development and social interaction in blind children**. New York: Psychology Press Taylor Si Francis Group, 2008.

PICCININI, Cesar Augusto et al. Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, p. 469-485, 2001.

PICCININI, Cesar Augusto; FRIZZO, Giana Bitencourt; MARININ, Angela Helena. Interações diádicas e triádicas em famílias com crianças de um ano de idade. In Cesar Augusto Piccinini; MOURA, Maria Lúcia de Seidl de (Orgs). **Observando as interações pais- -bebê-criança: diferentes abordagens teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.177-211.

RIBAS, Adriana F. Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl de. Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, p. 273-288, 1996.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGrall-Hill, 2006.

MOURA, Maria Lucia Seidl de. Interações iniciais e seu papel no desenvolvimento: uma contribuição ao estudo da gênese da atividade mediada. **Rio de Janeiro**: Universidade do Rio de Janeiro, 1999.

MOURA, Maria Lucia et al. Interações iniciais mãe-bebê. **Psicologia: Reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 17, p. 295-302, 2004.

SIGOLO, Silvia Regina Ricco Lucato. Diretividade materna e socialização de crianças com atraso de desenvolvimento. **Paidéia**, (Ribeirão Preto), v. 10, n. 19, p. 47-54, 2000.

7 APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você e seu filho(a) estão sendo convidados para participar da pesquisa intitulada **Interação de uma díade mãe-criança cega no contexto de alimentação**, sob responsabilidade da pesquisadora Milena Gandolfine, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar. O motivo que nos leva a estudar esse tema é identificar as oportunidades de aprendizagem da criança que surgem na interação entre a mãe e seu filho com deficiência visual durante as situações de alimentação.

Você e seu filho foram selecionados porque ele/a tem idade entre 12 e 48 meses e tem deficiência visual. A participação é voluntária, sem qualquer obrigação, sem custos e você poderá desistir de participar quando quiser.

A pesquisa acontecerá na sua casa, nas atividades de almoço, jantar ou lanche do seu filho/a. A participação de vocês acontecerá por meio da filmagem, com uma câmera. Durante aproximadamente três meses, três vezes por semana, você mesma posicionará e ligará a câmera. Nós orientaremos você sobre como mexer na câmera. Antes do começo das filmagens, nós pediremos informações sobre o desenvolvimento do seu bebê.

Este estudo pode beneficiar você e seu filho por lhes oferecer oportunidades de explorar as situações do cotidiano visando o planejamento do ensino de habilidades e capacidades de autonomia da criança com deficiência visual. Espera-se que a compreensão das potencialidades de desenvolvimento do bebê na interação mãe e criança com deficiência visual levem à otimização das interações em benefício da autonomia da criança e permita propor futuramente formas eficazes de orientação a pais e cuidadores.

Os riscos da pesquisa são de baixa gravidade. Pode acontecer que o bebê ou criança faça birra, ou não queira comer ou esteja indisposto ou doente e, nestes casos, você poderá cancelar a filmagem ou pedir que esta filmagem seja apagada na sua frente pela pesquisadora: É possível, também, que em alguns dias você esteja indisposta ou doente, ou que você se sinta estressada, cansada ou, ainda, que receba uma visita durante o horário das filmagens. Você poderá suspender as filmagens nestes dias e a pesquisadora combinará com você novos períodos de filmagem. Se você ou o seu filho ficarem inibidos com a filmagem nós faremos um período de familiarização entre a pesquisadora, os participantes e a câmera.

Todas as informações obtidas com esta pesquisa serão confidências e sigilosas. As filmagens só poderão ser utilizadas para fins científicos e educacionais e não serão utilizadas,

em nenhuma circunstância, para fins comerciais. Ao término da pesquisa e da análise dos resultados você receberá orientações sobre formas mais propícias de interação para potencializar o desenvolvimento de seu filho/a.

Você receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com o telefone e o endereço das pesquisadoras. Você pode tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento. Poderá também entrar em contato conosco para obter mais informações.

Milena Gandolfine - Mestranda em Educação Especial- Pesquisadora responsável
Universidade Federal de São Carlos/Programa PG em Educação Especial
Rodovia Washington Luís Km 235, São Carlos/ SP, tel: (16) 3351-8357.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, da Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km. 235. CP 676 - CEP 13.565-905/São Carlos/SP/Brasil. Fone (16) 3351-8110. E-mail: cephumanos@ufscar.br

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e de meu filho(a) na pesquisa e concordo em nossa participação.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa (mãe) e responsável pelo participante bebê

Orientadora: Prof. Dra. Maria Stella Coutinho de Alcantra Gil
Departamento de Psicologia – Laboratório de Interação Social – UFSCar
Contato: Rod. Washington Luís, Km 235, - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil

APÊNDICE 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)
(Válido para crianças entre 12 e 48 meses)

Oi (nome da criança)

Você já pegou uma câmera? Esta é uma câmera (colocar nas mãos da criança). Ela filma o que você faz e grava o que você diz. Vamos cantar para você ouvir depois? Eu vou ligar a câmera. Agora vamos cantar (Cantar uma musiquinha conhecida da criança, começar junto com ela e depois parar e deixa-la cantar sozinha ou com a mãe.). Acabou de filmar e eu vou colocar para você ouvir. (Acionar o áudio da câmera). Quem está cantando? É você? É a mamãe? Que legal!

Quando você estiver comendo, a sua mãe vai gravar tudo o que acontece e, depois, vai passar para você ouvir. Eu também vou ouvir e ver o que acontece quando você está comendo para conhecer melhor o jeito de comer quando você está com a sua mãe. Depois, vou conversar sobre o jeito de você comer ou com muito pouquinho ajuda da sua mãe ou começar a comer sozinho.

Esta pesquisa tem um nome que é: **“Interação de uma díade mãe-criança cega no contexto de alimentação”**.

Agora, eu preciso saber se você quer participa da pesquisa. Vou pedir para você bater neste pandeiro (oferecer o pandeiro para a criança explorar tatilmente) ou empurrar o pandeiro e eu vou filmar.

Você quer participar desta pesquisa? Se você quiser participar, bata no pandeiro. Se você não quiser participar empurre o pandeiro.

E agora, você quer participar?

“resposta da criança”

Que bom, está gravado aqui.

DECLARAÇÃO

Eu, _____RG_____, responsável pelo menor _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa proposta pela mestrandia Milena Gandolfine, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal e São Carlos e, participarei da pesquisa a ser executada. O pesquisador informou-me que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pré-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na rodovia Washington Luiz, Km 235, Caixa Postal 676, CEP. 13.565-905, São Carlos, SP, Brasil. Fone (16) 3351 8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

São Carlos, ____ de _____ 2015.

APÊNDICE 3 - DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS FILMAGENS DE INTERAÇÃO (BUONADIO, 2003; DA SILVA; AIELLO, 2012) (adaptadas para análise da interação mãe-criança com deficiência visual)

A. Categorias referentes aos comportamentos da mãe quando em interação com seu filho:

1) Comentários positivos (Coment +): dirigidos à criança, apresentados de maneira contingente ao comportamento da mesma, que expressam aprovação ou prazer/agradecimento, tais como: “bom trabalho”, “eu gosto disso”, “muito bom”, “tá certo”, “legal”, “isso”.

2) Motivar a criança para a tarefa (Mot p/ Tarefa): fazer comentários sobre a tarefa/objeto chamando atenção da criança ou motivando -a para se engajar na tarefa.

Ex.: mãe e filho sentados à mesa no momento de alimentação, mãe diz; “Vamos, coloca o garfo na boca”, “vamos comer tudo!”.

3) Olhar dirigido à criança (Ol Dir Cri): Mãe prestar atenção a criança.

4) Dando dicas na situação de alimentação. As dicas podem ser:

a) Dicas verbais (Di Ver): instruções ou outras formas de estímulos orais com o objetivo de guiar a resposta da criança. Ex.: dicas verbais para nomeação de objeto. A dica verbal para a resposta de nomear “copo” poderiam ser “co...”, ou então “você toma suco nele”, ou o modelo em voz baixa.

b) Dicas físicas (Di Fis): oferecer à criança algum objeto indicativo da resposta correta, por meio de contato físico com a criança. Ex.: oferecer algum objeto e perguntar o que é/para que serve.

5) Ajuda física (Aj Fís): contato físico entre criança e mãe, para a realização de determinada ação a ser realizada pela criança.

6) Comentários negativos (Coment -): comentários feitos contingentes ao comportamento da criança que expressam descontentamento/desaprovação. Ex. “não faz isso”, “para”, “não é assim”, “você é burro (a)”.

7) Imitação da vocalização da criança e/ou expansão (Im V Cr/Ex): repetir verbalmente os sons feitos pela criança e/ou expandindo suas vocalizações, dentro de 5s após a fala da mesma.

8) Correção para comportamento inadequado (Cr Cp Inad): usar extinção ou *time-out* contingente à exibição de comportamento inadequado da criança.

9) Repressão física (Rep Fís): evitar/impedir que a criança realize algum comportamento, segurando-a.

10) Fazendo uma questão (Faz Ques): uma verbalização que requer uma resposta da criança. Ex.: “o que é isto?”, “quer brincar?”.

11) Modelando (Mdel): mostrar ao filho como é o comportamento que este deve desempenhar. O modelo deve ser fornecido (demonstração física) junto com a instrução verbal. Todo tipo de modelo será considerado, desde o mais simples até os mais completos e elaborados.

12) Rotulando (Rotul): uma verbalização descrevendo os atributos do objeto. Ex.: a colher é grande.

13) Comando: uma instrução (ordem) para a criança fazer algo. Ex.: “coloque a colher no prato”.

14) Contato físico positivo (Cont Fís +): um comportamento para mostrar para a criança que ela fez algo bem/bom e corretamente como um abraço, um beijo, um toque na mão ou bochecha, um sorriso/riso.

15) Realizar alguma atividade sozinha (Real. At. Soz): Mãe realizar alguma atividade sozinha verbalizando ou não, sem voltar a atenção para a criança. Por exemplo: mãe almoçando/jantando ao lado do filho sem interagir com ele.

B. Categorias referentes aos comportamentos das crianças quando em interação com sua mãe

1) Prestando atenção (Pres Aten): criança voltando o rosto na direção da mãe quando estiver desempenhando alguma atividade ou falando.

2) Obediência (Obed): criança seguindo as ordens da mãe.

3) Desobediência (Desob): criança não executando um pedido de atividade efetuado pela mãe.

4) Vocalizações positivas (Voc +): qualquer vocalização da criança, imitando ou respondendo ao que a mãe disse, com afeto positivo ou vocalização espontânea (emissão de sons ou palavras sem o objetivo de comunicar -se, por exemplo: criança canta ou fala sozinha enquanto come).

5) Vocalizações negativas (Voc -): algum som vocal (choro, gemido, grito) ou qualquer vocalização da criança que de indícios de raiva ou comportamento inapropriado (birra, por exemplo).

6) Engajada na tarefa (Engaj na Tar): criança envolvida na tarefa com a mãe, realizando parte da tarefa.

7) Comportamento físico negativo (Cp Fís -): comportamento físico que não tem o propósito de completar uma atividade adaptativa. Ex.: repelir ou lançar um objeto, bater nos pais ou em si mesmo.

8) Fazendo uma questão (Faz Ques): uma vocalização direcionada a mãe que requer uma resposta.

9) Brincar sozinha (Brin. Soz.): Criança realiza alguma atividade sozinha ou brinca sozinha com os objetos, vocalizando ou não, sem voltar o rosto para a mãe e sem interagir com ela.

APÊNDICE 4 – DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS DO PROTOCOLO PARA AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO DIÁDICA/TRIÁDICA (Piccinini; Frizzo; Marin, 2007) (adaptadas para a análise da interação mãe-criança com deficiência visual)

• **CATEGORIAS ANALISADAS NA INTERAÇÃO DIÁDICA/TRIÁDICA**

CATEGORIAS DE COMPORTAMENTOS INFANTIS

1- Envolvimento: refere-se ao grau de engajamento da criança com o genitor, brinquedo ou atividade, mostrando-se bem integrada. Os escores mais baixos representa a criança que não mostra envolvimento, que parece evitar se envolver com o genitor, brinquedo ou atividade ou que faz mecanicamente sem evidencias de estar interessada. Ela também pode demonstrar não estar envolvida engajando-se por curtos períodos de tempo. Os escores mais altos representam a criança que se mostra interessada e envolvida com o genitor, brinquedo ou atividade durante grande parte da observação ou que apresenta intenso envolvimento. Como partes da observação da categoria serão observadas as seguintes subcategorias:

1. Volta o rosto para o genitor: criança orienta a cabeça para o rosto ou corpo do genitor, ainda que não possa vê-lo.
2. Responde a fala do genitor e/ou atividades propostas: criança responde, seja através de vocalizações ou ações, o que é solicitado pelo genitor (por exemplo, o genitor pede a criança que pegue a colher e a leve a boca).
3. Explora o objeto: criança segura um objeto em suas mãos, mesmo que não o esteja manipulando.
4. Explora o ambiente: criança se locomove e explora tatilmente o ambiente para conhecê-lo. Não registrado quando a criança se locomove para buscar algo que esteja procurando.

2- Interação: Os comportamentos facilitadores da interação são característicos da criança que busca e mantém contato com o genitor, durante grande parte da observação, mesmo que as vezes, interaja a distância. Já os comportamentos não facilitadores da interação são característicos da criança que não busca interagir com o genitor, que parece esquivar-se de qualquer contato com ele ou que apresenta resistência à interação na maior parte da observação. Como partes da observação da categoria serão observadas as seguintes subcategorias:

1. Busca de contato e proximidade: criança busca contato físico com o genitor.
2. Manutenção de contato: mantém contato físico ou proximidade ao genitor.
3. Interação a distância: criança vocaliza ou sorri ao mesmo tempo em que volta a cabeça para o genitor e/ou quando a criança oferece algum objeto para o genitor ou quando se refere verbalmente a algo mesmo que não esteja voltado fisicamente para o genitor.
4. Resistência: criança resiste à tentativa do genitor de iniciar contato (verbal ou físico) com ela.
5. Esquiva: criança se esquiva à proximidade e a interação, mesmo à distância, do genitor. Distingue-se da subcategoria resistência por apresentar uma reação mais intensa por parte da criança ou maior aflição.

3- Afeto positivo: refere-se ao quanto a criança está satisfeita, contente e confortável com a interação. Os escores mais baixos representam a criança que não apresenta sinais de afeto positivo, que tem humor negativo ou que não apresenta nenhum afeto. A criança também pode apresentar afeto positivo infrequente ou fraco ou pode alternar momentos de intenso afeto positivo com negativo. Os escores mais altos representam a criança que, predominantemente,

apresenta afeto positivo e que é agradável na maior parte da observação, não apresentando nenhum episódio de aflição. Como partes da observação da categoria serão observadas as seguintes subcategorias:

1. Apresenta vocalizações positivas: criança vocaliza, balbucia e/ou gesticula com a boca tentando vocalizar.
2. Sorri e/ou da gargalhada: criança visivelmente sorri, mesmo que este sorriso não seja direcionado ao genitor.
3. Abraça, beija ou mostra outras expressões faciais de afeto: criança beija, abraça ou demonstra outras manifestações de carinho ao genitor.
4. Movimenta o corpo para demonstrar entusiasmo: movimenta o corpo, ao mesmo tempo em que vocaliza ou sorri. Também é registrado quando a criança bate palmas. Não é computado quando a criança segura um objeto ou brinquedo e movimenta o corpo, pois se entende que esse comportamento diz respeito à tentativa da criança de movimentar o objeto ou brinquedo.

4- Afeto negativo: se refere às expressões de descontentamento da criança em relação à interação. Os escores mais baixos representam afeto negativo pouco frequente. A criança deve manifestar comportamentos sutis de raiva ou resistência ao genitor. Os escores mais altos representam intenso afeto negativo, presente em alguns momentos da interação ou moderado descontentamento durante a maior parte da observação. A raiva e resistência da criança aparecem repetidamente nas interações com o genitor. Como partes da observação da categoria serão observadas as seguintes subcategorias:

1. Apresenta vocalizações negativas: criança resmunga ou choraminga (choro de fraca intensidade ou descontínuo).
2. Chora; criança chora com forte intensidade e contínuo.
3. Expressa descontentamento: criança franze a testa, faz careta, demonstrando que não está contente.
4. Fica inquieta: encontra-se visivelmente desconfortável, inquieta. Pode vir acompanhado de vocalizações negativas ou choro.
5. Demonstra raiva e/ou hostilidade: criança grita, esperneia, agride o genitor e/ou bate em um objeto ou brinquedo.

CATEGORIAS DE COMPORTAMENTOS PARENTAIS

Sensibilidade: refere-se à sensibilidade dos pais as necessidades da criança. Pais indicam estar cientes das necessidades, humor, interesses e capacidades da criança, oferecendo uma mistura adequada de apoio e independência. Eles também respondem apropriadamente a criança. Os escores mais baixos representam pouca evidencia de sensibilidade parental. Os pais raramente respondem apropriadamente as demandas infantis ou manifestam desatenção às necessidades da criança. As interações são assíncronas ou inadequadas. Se o adulto está preocupado ou desatento, então ele não é sensível mesmo que a criança esteja engajada. Os escores mais altos representam os pais que são predominantemente sensíveis. Eles demonstram sensibilidade na maior parte das interações, mas não em todas, ou podem demonstrar um pouco de insensibilidade. Como parte da observação da categoria serão observadas as seguintes subcategorias:

1. Fornece disciplina adequada a natureza da tarefa e ao nível de entendimento da criança. Genitor orienta a criança quanto a uma situação de perigo iminente.
2. Fornece um nível de estimulação e/ou uma variedade de atividades: genitor oferece um brinquedo ou objeto a criança e/ou incentiva que ela continue brincando/manipulando ou a brincar/manipular algo.
3. Responde ao conteúdo da fala e/ou atividade da criança: genitor vocaliza colocando-se empaticamente no lugar da criança, interpretando os sinais e/ou estado desta ou quando fala como se fosse a própria criança.
4. Aproveita o interesse da criança por um brinquedo, objeto e/ou atividade: genitor passa a interagir com a criança a partir do que esta escolheu, introduzindo novos elementos na situação. Não é pontuado quando o genitor só fala com a criança a partir do que está fazendo.
5. Propõe brincadeira/atividade, mas respeita o interesse da criança: genitor propõe uma brincadeira/atividade a criança, mas esta não aceita e este não insiste que a realize.
6. Respeita o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade: genitor não impede, verbalmente ou através de ações, que a criança siga fazendo o que é de seu interesse.
7. Muda o ritmo quando a criança parece pouco estimulada, cansada: genitor propõe outra atividade, visto que a criança se encontra pouco estimulada ou cansada.

2- Estimulação cognitiva: - Refere-se às tentativas de estimular o desenvolvimento cognitivo e mental da criança que fazem parte dos propósitos da família. Os pais estimuladores podem aproveitar qualquer atividade de rotina para estimular o desenvolvimento, e constantemente se engajam em atividades com a intenção de facilitar e promover a aprendizagem de seus filhos. Como parte da observação da categoria serão observadas as seguintes subcategorias:

1. Ensina/ da oportunidade de experimentar materiais que ilustram ou ensinam um conceito: genitor menciona a criança algo em relação a formas, tamanhos, partes do corpo, etc.
2. Encoraja as tentativas de domínio da criança ou a desafia para tentar novas atividades: genitor encoraja as tentativas de domínio da criança (Isso!) ou a desafia para tentar novas atividades (e agora? O que é este?), com objetivo de estimulá-la cognitivamente.
3. Apresenta atividades organizadas em uma sequência programada de passos: por exemplo: primeiro coloca essa peça, depois outra.
4. Descreve ou faz perguntas sobre brinquedos/objetos: descreve em relação ao que o compõe e não no sentido de nomeá-lo.
5. Mostra fisicamente a criança como utilizar um objeto/brinquedo (modelo físico e verbal): (“é assim, óh”) criança deve estar engajada naquilo que o genitor está fazendo.
6. Estimula a linguagem da criança e suas verbalizações: (“diz, fala” ou soletra uma palavra para que a criança repita).
7. Nomeia as experiências da criança: um objeto (“é um pratinho”) ou em relação à experiência (“você está mastigando?”).

3- Afeto positivo -Refere-se à extensão na qual mãe e filho parecem apreciar estar junto. São carinhosos entre si e parecem relaxados e à vontade um com o outro. Os sentimentos positivos são mostrados quando:

- 1- Genitor mantém contato visual enquanto interagem.
- 2- Genitor fala num tom de voz afetuoso.

3- Genitor abraça, beija ou mostra outras expressões de afeto físico.

4- Genitor apresenta sorriso e gargalhadas.

5- Genitor entusiasma-se com o que a criança estava fazendo.

4- Afeto negativo- Refere-se às expressões de afeto negativo, conflitos, discordâncias ou críticas dos pais em relação as crianças. As interações podem ser hostis, punitivas, de forma encoberta ou explícita. Incluem:

1- Expressões faciais negativas: genitor franze a testa, faz careta, expressa descontentamento.

2- Tom de voz seco: fala de forma rude com a criança.

3- Interações caracterizadas por reprimendas (“não pode pôr na boca!”), ameaças (“não vai porque o bicho pega!”), gritos e outras formas negativas ou de asserção de poder para controlar o comportamento da criança.

5- Desengajamento (Desligamento) - Reflete a extensão na qual os pais parecem não estar envolvidos com os filhos. Eles parecem não engajados, emocionalmente não envolvidos, não responsivos e não conscientes das necessidades da criança. Pais mostram passividade e falta de interesse.

Desligamento pode ser visto em:

1. Pais não acompanhar visualmente a atividade da criança.

2. Apresentar objetos para a criança sem convidar à interação.

3. Não responder às vocalizações, sorrisos ou outros comportamentos da criança.

4. Ignorar coisas interessantes que a criança faz. Pais podem não prestar atenção na criança ou estar muito atentos às suas próprias atividades.

6- Intrusividade -A interação é intrusiva e supercontrolada e é centrada no adulto e não na criança. O (s) adulto (s) impõe seus próprios objetivos à criança. Ele superestrutura o brinqueado da criança, insiste em seus próprios objetivos e temas para o brinqueado e interrompe a criança para redirecionar o brinqueado. Insiste num uso particular do brinqueado, mesmo quando esse controle não é necessário para a segurança da criança ou por respeito aos outros. Viola o espaço da criança através de afastamento físico dela. Impede o direito da criança por seu próprio espaço e controle do seu corpo. Eles podem ser intrusivos de uma forma afetiva ou não. Mas o que caracteriza o comportamento como intrusivo é a ação dos pais de não reconhecer as intenções da criança como reais ou válidas e comunicar que é melhor depender dos pais para direcionar as atividades do que tentá-las individualmente.

Comportamentos específicos que caracterizam a intrusividade:

1- Oferecer uma barreira contínua à conversa e interação: impede que a criança interaja com ele ou ignora suas tentativas de interação.

2- Não permitir que a criança faça escolhas ou não permitir que a criança selecione atividades ou objetos e brinquedos.

3- Modificar as atividades quando a criança ainda aparenta interesse, sem prepará-la para a transição.

4- Insistir que a criança faça alguma coisa sem estar interessada.

5- Invadir fisicamente o espaço da criança através da remoção de objetos de suas mãos e, mudar a sua posição corporal.

APÊNDICE 5 - DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DE FILMAGENS DE INTERAÇÃO

Vídeo 01 **Data:** 17 de Agosto de 2015 **Tempo de Vídeo:** 11 minutos e 40 segundos
 A. Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	1	8- Mãe fala: Aiii! Indicando que a criança acertou.
Motivar a Criança para a Tarefa	7	2- A mãe fala: Vai! E explica que é pra ir devagar, incentivando a criança em comer sozinha. 10- Mãe ajuda a criança fazer o movimento completo, chamando a atenção da criança para fazer sozinho. 16- Mãe fala em tom de voz alto para o M comer todo o papa! 20- Mãe incentiva o M a comer, perguntando e dando comando. 22- Quando a mãe questiona a criança logo realiza a tarefa pedida pela mãe.. 27- A criança está mastigando e a mãe não espera ela acabar para influencia-la a pegar mais! 28- Mãe fala em tom de voz mais firme para a criança querer comer!
Dica Verbal	5	2- Mãe fala para criança ir devagar para não cair a comida. 23 – Mãe fala: Pega direito a colher pra você levar na boca! 25- Mãe fala: Para de bater o prato filho, assim vai cair! 27- Vai, cavoca e leva na boca filho! 28- Mãe fala: segura a colher para não cair.
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	1	18- Mãe pega na mão da criança e leva até a colher, movimento incompleto.
Comentários Negativos	4	14- Segura direito essa colher se não vai cair tudo! 17- Mãe fala para a criança: M sem brincar com a colherrr!! 18- Mãe fala: M é devagar, não é rápido assim!! 19- M está batendo com as mãos na mesa e no seu prato e a mãe fala: M! M! Para de mexer no prato!!
Imitação da Voc. da Cça e/ou Exp	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	3	2- Mãe pergunta para a criança: Cadê a colher? 20- Mãe pergunta para o M: Cadê a colher para você comer? Cadê a colher?? 22- Mãe pergunta: E o papa?? Como faz??
Modelando	1	10- Mãe pega a mão do M e faz o movimento completo de pegar a colher no prato, cavocar a comida, levar a colher até a boca e voltar a colher no prato, verbalizando todos os movimentos.
Rotulando	0	
Comando	10	2- Mãe fala para a criança: Vaaii!! 7- Mãe fala para a criança: Cavocaaa!!! 9- A mãe fala: Vaaii!! 16- Mãe fala para a criança: Vai M, papar!! 18- Mãe diz: Vai M come! 20- M está parado em frente ao prato e a mãe diz: Pega a colher para comer! 23- Manda o M soltar um pouco a colher. 26- Mãe fala: Pega a colher pra você comer M!

		27- Mãe fala: Vai!! cavoca e põe na boca! 28- Mãe fala: Vaii!
Contato Físico Positivo	0	
Responder à Criança	1	4- Criança pergunta para a mãe se a comida é do “celão” e a mãe responde: Não! É comida da mamãe!
Organização e/ou Preparação	8	2- Mãe organiza a comida no prato para a criança em silêncio. 5- Mãe organiza a comida no prato da criança em silêncio. 10- Mãe tira a colher da mão da criança e organiza a comida no prato. 12- Mãe pegar a colher do M e mexe a comida, juntando tudo. 21- Mãe pega a colher e coloca comida e deixa a colher sobre o prato cheio de comida. 25- Mãe junta a comida no prato que está acabando. 28- Mãe junta a comida no prato com auxílio da faca que estava comendo. 29- Mãe raspa o prato com a colher e enche a última colher.
Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA

Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinhos	9	1-Mãe está sentada ao lado da criança comendo sua comida em silêncio. 3- Mãe está sentada ao lado da criança comendo sua comida em silêncio. 6- Mãe está sentada ao lado da criança comendo em silêncio. 7- Mãe está sentada ao lado da criança comendo em silêncio. 9- Mãe está sentada ao lado da criança comendo em silêncio. 11- Mãe está sentada ao lado da criança comendo em silêncio. 13- Mãe está sentada ao lado da criança comendo em silêncio. 15- Mãe está ao lado do M comendo em silêncio. 17- Mãe está sentada ao lado da criança comendo em silêncio

Vídeo 02 **Data:** 22 de Setembro de 2015 **Tempo de Vídeo:** 15 minutos e 49 segundos
 A- Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	1	24- Mãe fala: Olha só tá ficando vazio seu prato, comeu tudo o papa!!
Motivar a Criança para a Tarefa	6	2- Mãe mexe a comida e fala ao mesmo tempo para criança comer. 5- Mãe sempre dizendo vai, e motivando com tons de voz diferentes. 8- A mãe passa sua mão sobre a do bebê e fala pra ele comer. 14- A mãe passa a mão na cabeça da criança e fala para prestar atenção na comida. 21- A Mãe questiona a criança e diante da resposta da criança a mãe motiva a continuar com comando. 29- A situação e os comandos incentivam a criança a comer!
Dica Verbal	2	5- Mãe fala para o M: segura direito a colher! 29- Mãe fala: pega a colher no prato senão você vai derrubar!
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	0	
Comentários Negativos	0	
Imitação da Voc. da Cça e/ou Exp	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	3	15- Mãe fala: Quer mais ou está cheio? 21- A mãe pergunta vai querer mais ou tá cheio? 27- Mãe mexendo com a colher no prato pergunta: quer mais ou tá cheio?
Modelando	0	
Rotulando	0	
Comando	13	2 – Mãe fala em voz alta: Vai!! 5- A criança pega a colher de comida e a mãe dá um comando: Vaii!! 7- Enquanto a criança fica mexendo as mãos e não come a mãe novamente fala: VaiiE 8- A criança já terminou de comer e a mãe fala: Vai mocinho pega ai!! 11- Criança está sentada mastigando e a Mãe fala: Pega!! 12- A criança está com a colher cheia de comida na mão e a mãe fala: Ai!! Leva na boca! 13- Após mexer a comida da criança a mãe fala: Vai!! 14 -A criança está segurando a colher, mas não faz o movimento de levar até a boca, então a mãe fala: Vai! Vai! Vai M come!! 15 – Mãe fala: Então papa! 17- A criança está brincando com os pés e a mãe fala: Vai!! 18- A mãe fala: Vai filhooo! 21- Mãe fala: Então vaii! 29- A criança estava segurando a colher cheia e a mãe disse: Vaii!
Contato Físico Positivo	2	16- Mãe dá a mão para o M segurar enquanto come. 23- A Criança está segurando uma das mãos da mãe e com a outra mão segurando a colher, a mãe carinhosamente dá um beijo na mão da criança.
Responder à Criança	1	5- A criança pergunta: salada de que? E a mãe responde: Salada de Pepino!

Organização e/ou Preparação	11	<p>2- Mãe pega a colher de comida e organiza a comida no prato da criança.</p> <p>5- Enquanto a criança faz pergunta para a mãe ela pega sua colher e junta a comida no prato.</p> <p>7- Mãe mexe a comida no prato da criança com sua colher.</p> <p>10- Enquanto a criança mastiga a comida a mãe pega a colher da criança e mexe a comida e junta no prato.</p> <p>13- Enquanto a criança fica mexendo as pernas se distraindo a mãe mexe a comida e ajeita no prato.</p> <p>17- Enquanto a criança mastiga a mãe organiza a comida no prato.</p> <p>19- Mãe pega a colher da criança e enche de comida, depois coloca ele do lado para a criança pegar.</p> <p>20- Mãe pega a colher e mexe a comida e deixa a colher vazia no prato.</p> <p>22- Mãe pega a colher e junta a comida, em seguida volta a colher no mesmo lugar que estava.</p> <p>27- Mãe enquanto pergunta se a criança quer mais junta o restinho de comida no prato.</p> <p>28- Mãe pega a colher da criança e a faca que ela estava usando para comer e junta tudo na colher.</p>
--------------------------------	----	--

Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinhos	0	

Vídeo 03 **Data:** 19 de Outubro de 2015 **Tempo de Vídeo:** 18 minutos e 08 segundos
 A- Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	0	
Motivar a Criança para a Tarefa	3	7- Mãe verbaliza muito para a criança comer e acertar a tarefa de levar a colher com comida até a boca. 21- Mãe faz comentário sobre a tarefa. 22- Mãe comenta que ele está comendo toda comida sozinho!
Dica Verbal	3	7- Mãe fala pro M: Não vira a colher, segura certo! 21- Mãe fala pra criança: Pera! Porque sua colher está vazia e mesmo assim a criança está levando até a boca. 30- Mãe fala: Quando você estiver cheio, você avisa!
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	1	7- Quando o M está quase derrubando a comida da colher a mãe ajuda-o pegando sua mão com a colher e levando até a boca!
Comentários Negativos	1	7- A criança derruba macarrão e a mãe comenta que viu o que ele fez com uma colher de macarrão!
Imitação da Voc. da Criança	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	4	21- Mãe pergunta: sua colher não está limpa não? Tem que cavoucar, não tem não? 22- Mãe questiona: Tá comendo uma pratada sozinho? 28- Mãe estica o braço em direção a criança e pergunta: Mão na mão? 29- M joga macarrão na parede e a mãe questiona: Você está jogando todo macarrão na minha parede, né, pensa que eu não estou vendo??
Modelando	0	
Rotulando	0	
Comando	1	7- Mãe fala pra criança: Pega ai mano!
Contato Físico Positivo	3	3- A mãe vai se aproximando da criança com a mão, passando sobre a dela e em seguida segurando enquanto a criança come. 6- Mãe pega na mão da criança carinhosamente e a criança com a outra mão faz o movimento completo de levar até a boca. 20- Mãe estende a mão de encontro com a da criança, faz carinho e permanece segurando.
Responder à Criança	0	
Organização e/ou Preparação	5	1- Mãe pega a colher do prato da criança e junta a comida. 11- Mãe pega a colher da mão da criança e mexe a comida e deixa a colher em cima do prato do lado direito da criança. 15- Mãe pega a colher e enche de comida e deixa sobre o prato para criança pegar. 23- Mãe pega a colher e junta o resto de comida, colando comida na colher e deixando ela em cima do prato do lado direito da criança. 27- Mãe enche a última colher de comida e raspa o prato para pegar o resto com a colher.
Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinho	7	2- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha. 3- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha. 4- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha. 5- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha. 8- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha. 9- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha. 10- Mãe fica em silêncio do lado da criança, sentada numa cadeira ao lado comendo sozinha.

Vídeo 04 **Data:** 11 de Julho de 2015 **Tempo de Vídeo:** 10 minutos e 10 segundos
 A - Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	0	
Motivar a Criança para a Tarefa	6	2- M está sentado em frente um pote com frutas e a mãe o chama pra começar comer! 14- Mãe incentiva com a fala o M para comer. 23- Mãe fala pra criança comer. 27- Mãe incentiva a parar de brincar e comer! 28- Mãe quando chama atenção da criança, faz com ele comece a comer. 29- Quando a mãe chama atenção, criança para de brincar e começa a cavocar.
Dica Verbal	1	29-Mãe da dica para criança de abrir a boca para comer.
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	1	30- Mãe pega na mão da criança, pega a colher e leva até a boca em silêncio!
Comentários Negativos	1	9- Mãe fala gritando: M!
Imitação da Voc. da Cça e/ou Exp	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	3	10- Mãe fala: Não tá vendo que a colher tá aí? 14- Mãe questiona: Comida é pra brinca?? Comida é pra brincar M?? 29- Mãe pergunta: É assim que leva??
Modelando	0	
Rotulando	0	
Comando	6	2- Mãe fala: Vai Filho! 14-Mãe fala: Vai M!! 23-Mãe fala: Vai Filho! 27-Mãe fala: Vai mocinho, para de brincar e vai papar! 28- Mãe fala brava: Han!! Vai mocinho! 29- Mãe fala: Vai abre a boca!!
Contato Físico Positivo	0	
Responder à Criança	0	
Organização e/ou Preparação	3	5- Mãe levanta e vai mexer o pote com frutas com a colher do M. 15- Mãe senta do lado do M e coloca a fruta na colher sem avisar ele. 30- Mãe mexe o pote com fruta para o M comer.
Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinho	0	

Vídeo 05 **Data:** 05 de Outubro de 2015 **Tempo de Vídeo:** 8 minutos

A- Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	0	
Motivar a Criança para a Tarefa	1	5- M estava debruçado na mesa e assim que a mãe falou, ele se levantou e começou a comer. O comando da mãe incentivou-o a comer.
Dica Verbal	1	21- Mãe fala: Não é de chupar filho, é de comer!
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	0	
Comentários Negativos	0	
Imitação da Voc. da Cça e/ou Exp	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	0	21- Mãe pergunta: M, não tá comendo???
Modelando	0	
Rotulando	0	
Comando	2	5- Mãe fala: Vai filho! Comendo!! 21- Mãe fala: Vai M, come!
Contato Físico Positivo	0	
Responder à Criança	0	
Organização e/ou Preparação	0	
Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinhos	0	

Vídeo 06 **Data:** 28 de Setembro de 2015 **Tempo de Vídeo:** 09 minutos e 26 segundos
 Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	0	
Motivar a Criança para a Tarefa	0	
Dica Verbal	0	
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	0	
Comentários Negativos	0	
Imitação da Voc. da Cça e/ou Exp	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	0	
Modelando	0	
Rotulando	0	
Comando	0	
Contato Físico Positivo	0	
Responder à Criança	0	
Organização e/ou Preparação	0	
Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinho	0	

Vídeo 07 **Data:** 22 de Novembro de 2012 **Tempo de Vídeo:** 8 minutos e 12 segundos
 A- Categorias Referentes aos comportamentos dos pais (pai ou mãe) quando em interação com seu filho.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Comentário Positivo	0	
Motivar a Criança para a Tarefa	0	
Dica Verbal	7	1-Mãe fala: Pega a mãozinha, pega a mão, põe a mão no prato filho! 2- Mãe fala: Bananinha!! Pega a mão, põe a mão no prato. Ó da a mão aqui pra mamãe! 8- Mãe fala: Pega!! Pega pra comer! Aqui ó!! Pega pra comer um pedaço!! 9- Mãe fala: Na boca amor!! 13- Mãe disse: Aqui a maçã, filho! Para ele poder acertar onde estava. 15- Mãe fala: Põe na boca pra comer filho! 23- Mãe dá a dica de que está dentro do pote, e fala pra ele pegar um pedacinho!
Dica Gestual	0	Não se aplica
Ajuda Física	3	8-Mãe pega a mão da criança e coloca sobre o prato de fruta. 13- Mãe fala: Aqui a maçã, e pega a mão dele e coloca sobre o pote de frutas. 23- Mãe passa a mão nas costas do M e pega no braço esquerdo dele e segurando a outra mão do M.
Comentários Negativos	1	7- Mãe fala brava: Eu vou tirar você da mesa!!
Imitação da Voc. da Cça e/ou Exp	0	
Correção para Comp. Inadequado	0	
Repressão Física	0	
Fazendo uma Questão	1	21-Mãe fala: Você não quer mais M?
Modelando	0	
Rotulando	0	
Comando	5	1- Mãe manda o M pegar a fruta. 2- Mãe fala: dá a mão aqui!! Dá a mão pra mamãe! 6- Mãe fala: M põe a mão pra come a banana!!! 8- Mãe fala: Pega, pega pra comer!! 15-Mãe da ordem de: põe na boca pra comer filho!
Contato Físico Positivo	2	2- A Mãe convida-o pra dar a mão como gesto de carinho. 23- A mãe vai chegando aos poucos e passando seu rosto no do M com carinho.
Responder à Criança	0	
Organização e/ou Preparação	0	
Olhar Dirigido à Criança	0	Não se aplica
Descrição e Antecipação	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Brincar Sozinho	2	12- Mãe estava sentada ao lado do M comendo maçã em silêncio. 16- Mãe está sentada ao lado do M sem falar ou até mesmo interagir com a criança.

APÊNDICE 6 – DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS CATEGORIAS ANALISADAS NA INTERAÇÃO DIÁDICA/ TRIÁDICA

(Os números entre parênteses são referentes as subcategorias descritas nos protocolos em relação ao comportamento da mãe).

Vídeo 1

Data: 17 de Agosto de 2015

Tempo de Duração: 11 min e 40 seg.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	2	3- (2) Fornece disciplina adequada, pedindo para a criança segurar direito a colher se não cai! 8- (2) Fornece disciplina adequada, falando para a criança: M. sem brincar com o prato!
Estimulação Cognitiva	3	9- Mãe encoraja M. e desafia a tentar novas atividades, dizendo: Onde está a colher?? Cadê a colher?? 11- (2) Mãe encoraja M. a comer, dizendo: e o papa, como faz? 15- Mãe estimula cognitivamente a criança dizendo: Vai filho!
Afeto Positivo	4	5- (2) Mãe fala num tom afetuoso, M vai papar!! 9-(2) Mãe fala em tom afetuoso com a criança perguntando onde está a colher. 11- (2) Mãe fala em tom afetuoso: e o papa como faz? 15- Mãe fala em tom afetuoso: Vai Filho!
Oferecimento de Instruções	3	3- Mãe oferece instrução dizendo a M.: segura direito se não a colher cai heim! 16- Mãe oferece instrução de como pegar a comida e levar até a boca dizendo: Vai, cavouca e põe na boca! 17- Mãe oferece instrução novamente dizendo: Vai! Cavouca e põe na boca.
Orientações da mãe à criança	3	6- Mãe fala pra criança que a colher não é de brincar. 7- Mãe orienta a criança a colocar a colher de comida na boca devagar e não rápido. 8- Mãe orienta M. a não brincar com o prato.

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	7	3- (3) Fala para a criança segurar direito a colher se não cai com alteração de voz negativa para o comportamento da criança. 6- (2) Mãe orienta a criança falando em tom seco e rude. 7- (2) Mãe orienta a criança a ir devagar, com a colher, não rápido, em tom de voz seco. 8- (3) Mãe faz reprimendas a M. dizendo que prato não é para brincar! 14- (3) Mãe fala de forma negativa ao comportamento de M., dizendo: Não Filho, não mecha no prato. 20- (2) Mãe fala em tom seco: Vai M! M! M! 21- (3) Mãe dala de forma negativa pra criança: está mais derrubando do que comendo heim!
Desengajamento	5	2- (4) Mãe está muito atenta a sua atividade, come sua comida e ignora as coisas que o M. faz. 4- (3) M. vocaliza e a mãe não responde a suas vocalizações. 13- (4) Mãe está atenta a sua atividade, come sua comida e ignora as coisas que o M. faz. 18- (4) Mãe não está atenta a criança, come sua comida e ignora as coisas que o M. faz. 19- (4) Mãe não está atenta a sua atividade, e ignora as coisas que o M. faz.
Intrusividade	10	1- (5) Mãe tira a colher da mão do M., invadindo seu espaço através da remoção da colher de sua mão, para organizar a comida no prato. 3- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.

- 5- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.
- 10- (3) Mãe tira a colher do prato, sem avisar a criança e organiza a comida sem preparar a criança para transição.
- 12- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.
- 14- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.
- 17- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.
- 18- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.
- 20- (4) Mãe manda M. comer e M. não está interessado, ela começa a repetir M! M! M!
- 21- (5) Mãe tira novamente a colher da mão da criança, invadindo seu espaço, através da remoção da colher de sua mãe, para organizar a comida no prato.

Vídeo 2**Data:** 22/09/2015**Tempo de Duração:** 15 min e 49 seg.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	0	
Estimulação Cognitiva	1	3- (2) A mãe encoraja M., dizendo: Aiii!Isso! 6- (4) Mãe faz questão a criança: Quer mais ou está cheio? 13- (4) Mãe faz pergunta para M.: Quer mais ou está cheio? Quer mais ou está cheio? 16- (2) Mãe estimula cognitivamente M. dizendo: eita está ficando vazio seu prato heim! Está comendo tudo. 19- (4) Mãe faz pergunta para M.: Quer mais ou está cheio?
Afeto Positivo	3	7- (3) Mãe pega na mão de M. mostrando expressão de afeto físico. 11- (3) Mãe pega na mão de M. de forma carinhosa enquanto M. com a outra mão está levando a colher até a boca com comida. 13- (3) Mãe pega na mão de M. de forma carinhosa enquanto M. com a outra mão está levando a colher até a boca com comida. 15- (3) Mãe pega na mão de M. enquanto come e beija carinhosamente. 16- (2) Mãe fala em tom afetuoso que M. está terminando a tarefa. 17- (3) Mãe pega na mão de M. enquanto M. come. 18- (3) Mãe pega na mão de M. enquanto M. come. 20- (3) Mãe pega na mão de M. enquanto M. come.
Oferecimento de Instruções	10	
Orientações da mãe à criança	1	2- Mãe orienta M. em pegar a colher com comida, dizendo: Pega!! 3- Mãe orienta M. dizendo: Leva na boca! 4- Mãe orienta M. dizendo: Vaii! Pra M. comer. 8- Mãe orienta a criança a comer dizendo: Vaii! 13- Mãe orienta M. a comer após resposta de M.: Então vai! Come! 21- Mãe diz pra M.: Vai, come!
PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	1	21- (3) Mãe diz: Presta atenção, senão você vai derrubar! 10- (4) Mãe ignora interesses de M., não prestando atenção, pois está realizando suas atividades. 14- (5) Mãe está realizando outra atividade e não dá atenção ao que M. está fazendo.
Desengajamento	0	15- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 17- (3) M. balbucia e mãe não responde as suas vocalizações. 18- (3) M. balbucia e mãe não responde as suas vocalizações. 19- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 19- (4) Mãe ignora o que M. está fazendo, não lhe dando atenção. 20- (3) Mãe não responde as vocalizações de M.
Intrusividade	0	9- (5) Mãe tira a colher da mão de M. para organizar a comida no prato. 13- (4) Mãe insiste perguntando a M. se quer comer mais ou não, repete a pergunta por 3 vezes.

Vídeo 3**Data:** 19 de Outubro de 2015**Tempo de Duração:** 18 min e 08 seg.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	0	
Estimulação Cognitiva	3	11- (2) Mãe encoraja M. em continuar comendo dizendo: Vai filho! 13- Mãe faz questão a M.: sua colher não está limpa? 20- (4) Mãe descreve o que M. está fazendo com a comida.
Afeto Positivo	8	1- (3) Mãe segura a mão de M. enquanto com a outra mão ele segura a colher, enche de comida e leva até a boca. 4- (3) Mãe senta ao lado de M. e fala da a mão! Pega na mão de M. enquanto M. come. 11- (3) Mãe segura a mão de M. enquanto com a outra mão ele segura a colher, enche de comida e leva até a boca. 12- (3) A mãe segura a mão de M. enquanto ele tenta cavoucar a comida no prato com a colher. 13- (2) Mãe fala em tom afetuoso com M. quando a colher de comida fica vazia. 17- (3) Mãe segura na mão de M. enquanto com a outra mão M. segura a colher com comida e leva até a boca. 19- (3) Mãe fala: mão na mão e pega carinhosamente a mão de M. enquanto M. mastiga a comida. 20- (2) Mãe fala em tom afetuoso: Você tá jogando tudo na minha parede, pensa que eu não to vendo não?
Oferecimento de Instruções	1	13- Mãe oferece instrução de que a colher está vazia, e fala pra M. cavoucar para enchê-la novamente.
Orientações da mãe à criança	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	0	
Desengajamento	11	2- (4) Mãe realiza outra atividade enquanto M. está comendo, sem dar atenção a M. 3- (4) Mãe não presta atenção em M. porque está ocupada fazendo outra coisa. 5- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está comendo sua comida. 7- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está comendo sua comida. 8- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está comendo sua comida. 9- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está comendo sua comida. 10- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está comendo sua comida. 15- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 16- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está comendo sua comida. 18- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 21- (4) Mãe não presta atenção em M., pois está realizando outra atividade.
Intrusividade	3	6- (5) Mãe tira a colher da mão de M., para organizar a comida no prato. 12- (5) Mãe tira a colher da mão de M., para organizar a comida no prato. 13- (5) Mãe tira a colher da mão de M. para encher a colher de comida.

Vídeo 4**Data:** 11 de Julho de 2015**Tempo de Duração:** 10 min e 10 seg.

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	0	
Estimulação Cognitiva	5	5- (4) Faz questão a M. se comida é pra brincar? Não é pra comer? 15- (2) Mãe encoraja M. dizendo: Vai filho, vamos! 19- (2) Mãe fala em tom de desafio: vai mocinho, colher é de comer não é de brincar, vamos! 20- (2) Mãe estimula cognitivamente M. dizendo: vai mocinho, ham! 21- (4) Mãe questiona: é assim que faz mocinho?
Afeto Positivo	1	7- (2) Mãe canta em tom afetuoso para M.
Oferecimento de Instruções	1	19- Mãe explica que colher não é de brincar, é de papar.
Orientações da mãe à criança	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	3	5- (2) Mãe fala em tom rude com M. 20- (2) Mãe fala em tom rude para M. comer: Vai mocinho! Ham! 21- (2) Mãe fala em tom rude com M. é assim que faz mocinho?
Desengajamento	19	2- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 3- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 3- (3) M. está fazendo vocalização e a mãe não o responde. 4- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 4- (3) M. está fazendo vocalização e a mãe não o responde. 6- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 6- (3) M. está fazendo vocalização e a mãe não o responde 7- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 8- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 9- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 10 - (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 11- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 12- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 13- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 14- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 15- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 16- (1) Mãe não acompanha visualmente M. comendo. 17- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 18- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade.
Intrusividade	1	1- (5) Mãe tira a colher da mão de M. e organiza a comida no pote.

GANHO

Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	0	
Estimulação Cognitiva	1	16- (4) Mãe pergunta: o que você está comendo?
Afeto Positivo	0	
Oferecimento de Instruções	1	17- Mãe fala o que deve fazer: não mexer na mesa.
Orientações da mãe à criança	0	

PERDA

Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	1	17- (2) Fala em tom rude com M. Para de mexer a mesa!
Desengajamento	34	<p>1- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 1- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 2- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 2- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 3- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 4- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 5- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 5- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 6- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 6- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 7- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 7- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 8- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 8- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 9- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 9- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 10- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 10- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 11- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 11- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 12- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 12- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 13- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 13- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 14- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 14- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 15- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 15- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 18- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 19- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 20- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 20- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade. 21- (1) Mãe não acompanha visualmente a atividade de M. 21- (4) Mãe não presta atenção em M. pois está realizando outra atividade.</p>
Intrusividade	0	

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	1	1- (2) Mãe fornece disciplina adequada de como pegar a batata.
Estimulação Cognitiva	1	2- (3) Mãe ensina passo a passo como comer a batata: Pega um pedacinho, segura o pedacinho e coloca na boca, ai faz de novo!
Afeto Positivo	0	
Oferecimento de Instruções	2	1 – Mãe oferece instrução de como pegar a batata dizendo: Não, de uma em uma! 2- Mãe da instrução de como pegar a batata e levar a boca: pegando um pedacinho, e colocando na boca, repetindo o movimento.
Orientações da mãe à criança	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	0	
Desengajamento	35	3- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 3- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 4- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 4- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 5- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 5- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 6- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 7- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 7- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 8- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 8- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 9- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 10 - (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 10- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 11- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 11- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 12- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 12- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 13- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 13- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 14- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 14- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 15- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 15- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 16- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 16- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 17- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 17- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 18- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 18- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 19- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 19- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 20- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M. 21- (1) Mãe não está acompanhando a atividade de comer a batata. 21- (4) Mãe está realizando outra atividade e não presta atenção em M.
Intrusividade	0	

Vídeo 07 **Data:** 22 de Novembro de 2012 **Tempo de Vídeo:** 8 minutos e 12 segundos

GANHO		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Sensibilidade	2	2- (6) Mãe propõe que M. pegue a banana, mas M. não se interessa por ela. 6- (3) Mãe oferece a banana a M. e incentiva que ele pegue a banana.
Estimulação Cognitiva	7	1- (2) Mãe encoraja M. em pegar a fruta, falando: pega a mãozinha filho, pega a mãozinha, põe a mão no prato filho. 2- (7) Mãe nomeia o que M. está comendo: bananinha filho, bananinha. 6- (7) Mãe nomeia o que M. vai comer: é bananinha filho! 8- (7) Mãe nomeia a outra fruta que M. está comendo: é a maçãzinha. 9- (2) Mãe encoraja M. a pegar a fruta no prato. 15- (2) Mãe encoraja M. a pôr a mão na maçã, dizendo é a Maçãzinha. 15- (7) Mãe nomeia a fruta que M. vai pôr a mão para pegar e comer: é a maçãzinha.
Afeto Positivo	7	1- (2) Mãe fala em tom afetuoso, encorajando M. a pôr a mão no prato. 2- (3) Mãe pega na mão de M. para ajuda física de colocar a mão no prato com banana. 6- (2) Mãe fala em tom afetuoso para M. pegar a banana. 9- (2) Mãe incentiva M. a pegar a fruta em tom afetuoso. 9- (3) Mãe pega na mão de M. para encorajá-lo a pegar a fruta. 10- (2) Mãe fala em afetuoso para M. colocar a fruta na boca. 15- (2) Mãe pega na mão de M. para que ele toque na fruta.
Oferecimento de Instruções	7	1- Mãe dá instruções para M. colocar a mão no prato. 2- Mãe fala: dá a mão aqui, põe a mão no prato pra pegar a bananinha. 6- Mãe da instrução para M. pegar a banana: Mzinho olha a banana, é bananinha filho. 8- Mãe fala pra M. pega no prato a maçãzinha, pega. 10- Mãe fala pra M.; põe na boca amor! 18- Mãe da instrução pra M. colocar a fruta na boca, dizendo: põe na boca!
Orientações da mãe à criança	0	

PERDA		
Categoria	Ocorrência	Descrição
Afeto Negativo	1	7- (2) Mãe fala em tom rude que vai tirar M. da mesa, pois está batendo a cabeça na parede e não está comendo.
Desengajamento	16	3- (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade. 4- (1) Mãe não acompanha a atividade de M. 4- (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade. 5- (1) Mãe não acompanha a atividade de M. 5- (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade. 11- (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade. 12- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 12- (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade. 13- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 14- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 16- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 17- (3) Mãe não responde as vocalizações de M. 19- (2) Mãe coloca a mão de M. no pote com fruta, sem convidá-la a interação. 20- (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade. 21- (1) Mãe não está acompanhando o que M. está fazendo.

21- (4) (4) Mãe não presta atenção no que M. está fazendo, pois está realizando outra atividade.

Intrusividade	0
---------------	---